

COLEÇÃO APIAUSO PERFIL

CARMEM VERÔNICA

ORISOCOM GLAMOUR

CLÁUDIO FRAGATA

imprensa oficial

Carmem Verônica

O Riso com Glamour

Carmem Verônica

O Riso com Glamour

Cláudio Fragata

|imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

Imprensa Oficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Este livro é dedicado a Pedro Paulo Rangel.

*E a todos os comediantes que me fizeram
e me farão rir.*

Cláudio Fragata



*No estúdio do fotógrafo Valentim (o preferido dela!)
posando para um ensaio de fotos*

Introdução

Em primeiro lugar, Carmem Verônica tem *chic*, para usar uma expressão dela mesma. Em segundo, tem um *timing* inacreditável para o humor. E, como terceiro e decisivo ingrediente da receita de seu sucesso, tem um talento imenso. A combinação a consagrou na TV dos anos 1960, quando compunha, nos famosos humorísticos de época, madames afetadas e *HI-LÁ-RI-AS*, para usar outra palavra de seu repertório.

A carreira de Carmem começou bem antes disso. Com o corpo escultural que Deus lhe deu, estreou no mundo artístico como vedete de Carlos Machado, o mestre do teatro de revista e rei da noite carioca dos anos 1950. O que vale dizer, da Capital Federal, então situada no Rio de Janeiro. Carmem mexeu com a fantasia de políticos, grã-finos e figurões da época, a fina flor do café society que frequentava o Monte Carlo e o Casablanca, as célebres casas de Machado.

Mexeu só com a fantasia mesmo. Jamais levou seu *sex appeal* a leilão. Carmem é o avesso da ideia que os preconceituosos fazem de uma vedete. Nunca sucumbiu ao poder dos coronéis, como ela conta nesse livro. Responsável, disciplinada e dedicada, considerava o teatro de revista como

arte e profissão. Casada há mais de 50 anos com o mesmo homem, ainda hoje não gosta de ser chamada de vedete. No máximo, tolera ex-vedete. Acha que a palavra contém significado pejorativo.

Não concordo muito com isso. Se é que já foi assim um dia, o depreciativo se perde na distante moral dos anos 1950. De Virgínia Lane a Sandra Bréa, as vedetes fazem parte da mais carinhosa memória coletiva. Em nossos encontros, nunca discuti isso com Carmem. Respeito sua opinião. A gente deve sempre respeitar as opiniões de uma diva. E ela foi e sempre será uma diva. Seja do rebolado, seja do teatro, seja da televisão.

14 Infelizmente, não a vi brilhando como vedete, nem nos palcos de Carlos Machado, no Rio, nem no Teatro de Alumínio, em São Paulo. Com certeza, caso isso houvesse acontecido, eu seria encaminhado ao Juizado de Menores. Minhas primeiras lembranças de Carmem Verônica vêm da televisão, no auge da TV Record de São Paulo, quando já era um adolescente. Vêm de suas impagáveis aparições em programas como *Família Trapo*, *Show do dia 7* ou *Praça da Alegria*. E essas lembranças fazem parte dos melhores momentos de minha juventude.

Basta fechar os olhos para que a veja chiquérri-ma, de vestido preto, luvas à la Rita Hayworth

e uma longa piteira na mão, interpretando com voz melosa – mas que é a voz natural dela – uma de suas incontáveis riquezas que faziam o Brasil gargalhar. Sempre belíssima – e aqui não vai nenhum trocadilho com a telenovela de Sílvio de Abreu, que a traria de volta ao vídeo, décadas depois, com estrondoso sucesso popular.

Peguei a ponte aérea para entrevistá-la no Rio de Janeiro. Nosso primeiro encontro foi em seu belo apartamento, no Alto Leblon, atulhado de plantas: *Aqui não é a Floresta da Tijuca, mas é quase, meu querido!* E foi logo me avisando que desconfia um pouco de gente que não gosta de plantas e animais. Entendi como um bom sinal. Também gosto de plantas e animais. Começava a entrar com o pé direito no mundo de Carmem.

15

Foram três dias de conversas. De conversas e muitas risadas. Ela fez questão de registrar assim nosso encontro inicial: *Primeira parte, hoje é uma sexta-feira, tarde de um dia assim meio Bélgica, não está chovendo, mas também não está um sol senegalês. Vamos começar falando da minha entrada no mundo do rebolado, como diria meu amigo Sérgio Porto.* E lá fomos nós.

Carmem me contou histórias e mais histórias. Falou-me da infância. Da carreira. Da glória de ser uma das Certinhas do Lalau, a lista de

mulheres deslumbrantes escolhidas a dedo por Stanislaw Ponte Preta, codinome de Sérgio Porto. Um time de mulheres lindas, esculpidas pela natureza, sem a enganação do silicone e do botox. A conversa só era interrompida pelas intervenções do pequinês Ching Ling II (sucessor do Ching Ling I), que vinha reclamar a atenção da dona. Ao fim do terceiro dia, tínhamos mais de dez horas de gravação.

16

Carmem correspondeu ao que eu imaginava. Uma pessoa com o astral lá nas nuvens. E olha que ela ainda se ressentia das dores do acidente que sofreu – um táxi em alta velocidade quase lhe moeu os joelhos. Mas sentia-se revigorada. *Voltei a ser bípede*, informou-me, fazendo graça, referindo-se à bengala, ao andador e à cadeira de rodas postos de lado porque já desnecessários. Não guardava rancor do taxista que a atropelou: *Minha perna vai curar mais depressa se eu ficar maldizendo esse homem?*

Uma surpresa me esperava na hora da despedida. Carmem disse-me que não havia falado nem metade do que tinha para contar. E quando mencionei nossas muitas horas de gravação, ela retrucou: *E você acha que uma vida como a minha cabe em apenas dez horas de conversa?* Fazia sentido, mas...

Meses depois, repetimos outra rodada de três dias de entrevistas. Dessa vez, em São Paulo, na casa da atriz Iara Jamra, onde Carmem se hospedou. Amigas desde os tempos de *Prima Rica* e *Prima Pobre*, o quadro que fizeram juntas no programa *Zorra Total*, Carmem aproveitou a estada paulista para fazer uma coisa que gosta muito, mas que faz *só quando tem vontade*: cozinhar. Preparou-nos um delicioso bacalhau ao leite de coco, que transformou nosso almoço de domingo em um momento inesquecível de confraternização e alegria. Dele participou todo o elenco da comédia na qual Iara atuava, porque todos queriam conhecer Carmem de perto. A diva do riso com glamour.

17

Ver este livro pronto me dá um sentimento de dever cumprido. Mas dever cumprido na boa. Com uma profunda gratidão pelas risadas que Carmem me fez rir na vida. O que eu mais quero agora é que as novas gerações saibam de Carmem Verônica. E riam com ela também.

Cláudio Fragata

Julho de 2010

*A bunda cai, mas o talento fica.
Desde que você o tenha.*

Carmem Verônica

Capítulo I

Raio-X Relâmpago

Sou pernambucana, mas carioca de coração. Sou Flamengo, Mangueira e feliz. Tive uma infância ímpar para os dias de hoje. Invejável. Porque convivi com a natureza, com os bichos... Não morava na selva, meu amor... Mas tinha imensos quintais, árvores frutíferas... Brincava de Tarzan, fazia casa no alto das árvores e teatrinho no quintal. Eu construía o teatro, escrevia as peças, ensaiava o elenco... Tinha até boca de cena... E cobrava entrada! Escalava umas coleguinhas para a peça, mas, logicamente, o papel principal era meu. Havia, na época, muita criatividade, principalmente porque não existia TV. A gente inventava e criava as brincadeiras, o que estimula bastante as crianças. Fui muito feliz por aproveitar essa época, mas não sou saudosa, porque sempre aproveitei e vivi cada fase de minha vida.

21

Passei por alegrias e tristezas como todo mundo, mas soube encarar tudo de cabeça erguida e muita fé e esperança. Afinal, se passasse pela vida em branco, não teria o que contar agora. Sou alto-astrol, de bem com a vida sem ser careta. É a tal coisa. Como sou uma pessoa pra cima, não me venha com nuvenzinha preta

porque o meu astral é muito limpo e apaga o seu, entendeu? Não me venha mesmo, porque sou uma pessoa de fé e de garra. Se não tivesse garra, não estaria aqui contando coisas. Nem fazendo sucesso, como eu fiz, aos 72 anos, na pele da Mary Montilla, em *Belíssima*, a novela do Silvio de Abreu.

Sou uma criatura solar, alegre, de aura iluminada. Sou geminiana, criativa e não dou muita chance do gêmeo pra baixo tomar conta de mim. No horóscopo chinês sou galo, que na realidade é a minha cara ou vice-versa. Já pensou? O galo é aquele que no meio do terreiro bate as asas (no meu caso, as plumas!), solta a voz e acorda todo mundo. Sou por aí. Acredito muito nisso porque os chineses são sábios. E também tem saco. Só chinês para algumas coisas, não é? Gosto de plateia, falo muito, adoro contar coisas passadas ou atuais, mas não entrego ninguém. Eu me alimento de troca de energia com o público, com as pessoas que encontro na rua. Troféu não é aquela coisa que a gente bota na prateleira. É muito mais profundo: são as pessoas, é energia, é carinho e eu gosto.



Como a ex-vedete Mary Montilla, em Belíssima, de Sílvio de Abreu.

Capítulo II

Globalizada

Nasci no Recife, Pernambuco, no dia 12 de junho de 1933. Fui a primeira neta por parte de pai e a última de *trocentos* netos por parte de mãe. Tenho uma irmã e um irmão, Alda e Marco Antônio. Meu pai, Jorge Alliz, era um intelectual, queria ser escritor, escreveu muita coisa. Ele trabalhava, mas não sei dizer no quê. Meu pai morreu tão cedo, eu era pequena, não lembro direito. Mas ele trabalhava, não era vagabundo, não.

Meu avô paterno, se não me engano, era turco ou libanês, não sei. Não tem importância, a ordem dos fatores não altera o meu produto. A família dele era muito rica e aí veio para o Brasil. Minha avó paterna nasceu em Belém, em Jerusalém. Eu conheço duas pessoas que nasceram lá, minha avó e Jesus. Quer dizer, já saí com certa vantagem. O nome dela era lindo, Karine, mas chegando aqui traduziram para Carmelita. Sobrou pra mim e eu fiquei puta. Fui batizada como Carmelita Varella Alliz. Não gosto do Carmelita, mas quase ninguém me chama assim. Quando chamam, finjo que não é comigo. Só que na hora da papelada, tenho de assinar Carmelita. Estou tão habituada a Carmem Verônica,

que eu mesmo estranho. Quem oficialmente me rebatizou foi o Carlos Machado, o rei da noite carioca dos anos 1950 e 1960. Já me chamavam muito de Carminha. O Verônica veio porque meu sobrenome, pelo lado materno, é Varella.

Minha mãe se chamava Carmen Varella. Meu avô materno, João Batista Varella, era dono de engenho e descendente de holandês e espanhol. Quer dizer, tem o Alliz, que veio do meu pai, que é um nome árabe. Tem o Varella, que é espanhol, que veio da minha mãe. Agora tenho também o Sicart, do meu marido Jacques, que é francês. Minha filha, Carmen Sílvia, nasceu na França. E tenho um cachorro pequinês chamado Ching Ling, portanto, sou a ONU.

Capítulo III

A Diva do Quintal

Vivi no Recife até os 8 anos. Minha família veio para o Rio na época da Segunda Guerra. Os submarinos alemães, ou sei lá de onde eram, atacavam os navios sem comboio e nós viemos sem comboio. Quer dizer, era mesmo para o *viado* aqui sobreviver e hoje dar essa entrevista à *Coleção Aplauso*. No Recife, a gente morava numa casa com muitas árvores. Eu era a mais velha, Marco Antônio, o irmão do meio e Alda, a menorzinha. No nosso tempo, as crianças tinham de inventar brincadeiras. Eram criativas. Uma coisa que eu noto é que, depois do advento da televisão, elas emburreceram um pouco. A gente fazia o quê? Cabaninha em árvores, chupava manga no pé, arrumava uma corda e brincava de Tarzan... Nós criávamos nossos brinquedos.

27

Quando a gente começa a inventar coisas e deixa a imaginação rolar solta, nada mais normal do que escrever uma pecinha, construir um teatro. O geminiano gosta de fazer coisas manuais, produzir, criar. Então, fiz um teatro. Enfiei uns quatros paus lá e levantei um palco. O palco tava feito, mas não tinha peça. Então escrevi a peça. Aí não tinha roupa. Comprei papel de

seda, fiz a roupa do elenco e comecei a ensaiar todo mundo. Era diretora e... claro, a primeira atriz. Um teatro completo. Era meu! Aí entrava o lado dona Sarah: eu cobrava a entrada! Não era teatro de rua, nada disso... E tinha público, de livre e espontânea pressão, mas tinha. Cada apresentação era uma peça diferente, então tinha de dar um tempo para a escritora bolar outra coisa que não fosse parecida, o cenário, as roupas, tudo. Também, eu não sabia que uma peça podia ser apresentada duas vezes, entendeu? Não sabia que podia ficar em cartaz por um tempo, então tudo tinha de recomeçar do nada.

28

Muita infância! Isso eu tive, graças a Deus! Tenho pena das crianças que moram em apartamento. Eu assisto muito ao programa *The Oprah Winfrey Show*. Outro dia, estavam falando exatamente sobre convivência com crianças, coisas assim. Os pais não sabem como educar, hoje todo mundo trabalha. As crianças ficam abandonadas ou na mão de babás, que não têm um método para educar. Isso quando não batem nas crianças e não fazem um monte de coisas. As crianças estão meio esquecidas, sabe?

Capítulo IV

Carta-Branca

Meu pai era um homem bonito, tinha cabelos pretos e pele morena. Puxei por ele. Tenho olhos grandes por causa da raça, acho. Mas trago alguma coisa de minha mãe, que já tinha outro tipo, era loura quando criança, de cabelos bem claros. Sempre foi uma pessoa de muita fé e resignação. Isso ficou um pouco pra mim. Quando alguém se queixava de não ter conseguido uma coisa que desejava demais, ela dizia: *Deus não quis!* Ela achava que não se devia esquentar com uma coisa que não era para ser. Dizia sempre: *O que tiver de ser seu, será.* Não se revoltava, era uma pessoa de muitos dons. Tinha uma voz bonita. Casou cedíssimo e ficou viúva cedíssimo. Ela me teve com 17 anos, então foi uma jovem mãe.

29

Depois que meu pai morreu, minha mãe ficou com três filhos para criar. Ela costurava muito bem, então entrou pro negócio de moda, não sei quê, e foi assim que nós estudamos e crescemos muito bem. Depois, ela virou funcionária pública federal em São Paulo, no Ministério do Trabalho. Minha mãe mudou para São Paulo e eu fiquei no Rio porque havia iniciado minha carreira. Já trabalhava com o famoso produtor

Carlos Machado quando ela se mudou. Eu me supria economicamente, estudava e tinha minha cabeça muito em cima do pescoço. Ela sabia disso, confiava em mim e foi tranquila para São Paulo.

Capítulo V

Começando do Começo

Sempre é melhor a gente começar do começo, porque começar pelo fim é meio esquisito. Então, vou falar de minha entrada para o mundo do rebolado, como diria meu amigo Sérgio Porto, o grande Stanislaw Ponte Preta. Comecei fazendo figuração nos filmes da Atlântida. O que era ótimo. Nesses filmes sempre havia cenas de boate. Eu fazia mesa. Ficava lá fingindo que estava conversando, porque eu era figuração. A gente aplaudia e tudo. Se depois passava a minha cara no filme não sei, porque nunca assisti. Era muito bom porque o trabalho coincidia com as férias escolares, quando eu não estava fazendo nada e ganhava uma notinha. Não sei dizer quanto ganhava pela figuração porque nunca vi país pra mudar tanto de moeda. Devia ser uma merreca, mas era uma merreca bem-vinda. Nessa época, meu pai tinha morrido e era tudo perto de casa. As locações eram no Cassino Atlântico, que nessa época já não era mais cassino. O presidente Dutra tinha feito o favor de fechar e nunca ninguém fez o favor de abrir. Um absurdo inenarrável. Nem vou perder tempo de falar disso. Vamos pular. Pra mim, na ocasião, não afetou nada, mas afetou a maior parte dos

artistas que já trabalhava e também a economia do País, não é? Muita gente ficou sem emprego, um horror. Até bingo já fecharam. Não sei por que não fecham Brasília. Não entendi ainda. Aquilo dá um dinheiro, não dá? Se gostam de fechar o que dá dinheiro, deviam fechar Brasília. Pra mim não vem nada, só vem conta.

32

Então, continuando, eu fazia essas pontas nas férias e depois voltava a estudar. Até que fiz um filme em que tive uma projeção maior. Eu e o ator Geraldo Del Rey, que era meu vizinho, aparecemos numa cena de mais destaque, mudos e quedos, porém lindos e maravilhosos. Ele era um rapaz muito bonito. Um amor de pessoa. Daí começou aquela coisa de sempre me chamarem. Nesse filme, conheci o Carlos Manga. Ele era figurante como eu, mas mais conhecido. O negócio do Manga sempre foi focado no que ele é hoje. Um grande ator e diretor. Quem estrelava esse filme era o Dick Farney, irmão do Cyl Farney. O Manga era amigo deles. Fiquei enfronhada. Eu adorava o Frank Sinatra e era superfã do Dick Farney. Fiquei amiga deles também. Passei a ir ao Sinatra Farney Club, que ficava num porão no bairro da Tijuca, frequentado por admiradores do jazz. Logo se formou uma patota e eu ficava por dentro das coisas. Então, quando pintava um negócio para fazer, eu fazia.

Capítulo VI

Vivendo e Aprendendo

Nunca tive ansiedade de vencer e ficar famosa. Essa ansiedade poda o artista. Algumas pessoas vão passando na frente e isso deve ser horrível para quem é ansioso, invejoso, o que for. As coisas comigo aconteceram naturalmente, inclusive a descoberta de que eu era humorista. Mas antes cantei, dancei e contava historinhas engraçadas fazendo os meus *pocket shows*.

Sempre observei muito. Foi assim que aprendi os segredos da profissão. Acho que é uma coisa predestinada. Desde o começo, mesmo sem pensar, minha linha já era essa. Eu prestava atenção no que era bom para aprender. Eu me lembro de quando o grande ator português João Villaret veio ao Brasil. Veio para fazer um show lindo do Carlos Machado chamado *Como Era Diferente o Amor em Portugal*, do qual eu também participava. Abria com *Os Lusíadas*, de Camões, imagine só. A Sílvia Fernanda era quem falava. Uma coisa. O show contava das possessões, tinha um número em Macau, tinha balé, olha, tinha coisas muito interessantes. Poxa, até quem não sabia quem era Camões acabava aprendendo. Só tinha dois biquínis em cena! Quer dizer, as



Show Como Era Diferente o Amor em Portugal, na boate Casablanca, dirigido por Carlos Machado. Este era um dos dois únicos biquínis do espetáculo. Ela entrava com este boá de tule supercolorido fazendo uma alusão aos pintores portugueses.

peessoas não iam lá para ver ninguém pelado. Eram só as roupas portuguesas mesmo, até as sandálias eram típicas. Era lindo, lindo, lindo. O Villaret dizia o famoso *Fado Falado*, fazia os números dele com o pianista. Dizia *O Rouxinol e a Rosa*. Eu chorava... Toda noite eu assistia e toda noite eu chorava. Mas ia aprendendo. A gente vai habituando o ouvido.

Eu fiquei muito amiga do Villaret. Ele queria me levar para Portugal, para a companhia dele. Eu podia ter ido, mas não fui. Não me achava pronta. O verdadeiro ator demora um pouco para se achar pronto. Alguns nunca se acham prontos. Até hoje não me acho pronta. Agora, dentro do meu ramo, que é o humor, eu me sinto em casa. Quando o Silvio de Abreu me chamou para fazer a telenovela *Belíssima*, disse que a Mary Montilla era eu. Então, pronto. Desenvolvi o personagem com minha frescura natural. Quer dizer, com frescura, aprendizado, dom, seja lá o que for.

Capítulo VII

Rainha da Frescura

Ah, deixa eu aproveitar para falar um pouco disso. Quer saber? Não sei de onde vem minha frescura. Quando me perguntam, não sei responder. Não vem da minha mãe, não vem do meu pai, não vem dos meus irmãos. Minha irmã Alda é que devia ser artista porque ela imita as pessoas à perfeição, mas não tem nada de fresca. Eu faço esse jeito assim meio besta e acham sempre que devo interpretar milionárias.

Tive números *HI-LÁ-RI-OS* fazendo grã-finas de luvas, pulseiras de brilhantes e longas piteiras, principalmente no tempo em que o roteirista Marcos César escrevia para mim, na TV Record, em São Paulo. A gente tinha muita sintonia. Ele botava três pontinhos no texto e eu mandava ver. É aquele casamento que tem entre quem escreve e quem interpreta. O cara já sabe para quem está escrevendo e o que a pessoa vai desdobrar dali.

37

Eu tive muita sorte com as pessoas que escreveram meus textos. O primeiro que criou uma madame para mim foi o Cavaca (Dom José Cavaca), humorista, jornalista e comunista. Ele fazia crítica através dos meus quadros e os censores

do regime militar não percebiam o recado nas entrelinhas. O povo se esbodegava de rir. Isso foi na TV Rio. Depois, na TV Record, o Marcos César passou a escrever para mim. Ele foi gênio. Escreveu também para Chico Anysio, entre outros artistas ótimos.



Ao telefone em humorístico da TV Record

Capítulo VIII

Nasce uma Estrela

Meu pai já havia morrido quando eu comecei a trabalhar. Ele morreu muito jovem, com apenas 33 anos. Foi quando me viram na praia do Arpoador, que, literalmente, sempre foi a minha praia. Eu era engraçadinha, sempre fui alta e tudo. Perguntaram se eu queria trabalhar na boate fazendo um show do Carlos Machado. Eu não sabia exatamente o que era boate porque era novinha demais. Não era burra, mas não sabia bem o que era. Então eu disse pra falarem com minha mãe. Foram falar com ela e resolvemos assistir ao show pra ver qual era.

41

De fato, o espetáculo do Machado não tinha nada que pudesse ir contra a moral. As meninas usavam biquínis que não mostravam nada, não tinha peito nem bunda de fora, não tinha nada de fora. A gente se queimava na praia, na hora do espetáculo botava o biquíni, e passava Nujol para dar brilho no corpo. Era um remédio para o intestino, um óleo denso, quase de botar em carro, só que transparente. A gente usava para tirar a maquiagem, saía mais barato do que comprar cosméticos. Imagine só, aquelas meninas todas novinhas com Nujol no corpo, era o máximo, não é?

Era uma coisa quando a gente ia à praia para se bronzear. Tínhamos de ir a praias mais distantes, como a do Pepino, que era deserta, com muitas amendoeiras, não era nada do que é hoje. A gente não tinha carro, então ia no carro de uma das meninas, que tinha um coronel que sustentava. Nós precisávamos nos queimar de biquíni, porque à noite, quando vestíamos as roupas do show, não podia ter marca de maiô inteiro no corpo. Íamos então à praia do Pepino porque lá podíamos ficar à vontade. Mas a gente não ficava nua. O nosso à vontade era de biquíni.

42

Minha estreia foi em São Paulo, na boate do Hotel Esplanada, que não sei se existe ainda. Ficava ao lado do Teatro Municipal. Quando voltei ao Rio, minha mãe deixou que eu continuasse trabalhando. O Carlos Machado ficou responsável por mim. Não parei de estudar. O trabalho com Machado não interferiu em nada, nem no processo de aprendizado, nem na minha cultura. No fundo, eu queria ser arquiteta. Não terminei sabe por quê? Porque quando a gente começa a trabalhar, vai pondo outras coisas na cabeça que vão te balançando mais pra outro lado. Aí, decidi: vou entrar nessa do *show business*. Abandonei a escola, mas com uma base boa.

Continuei trabalhando com Machado. Ele me ensinou muito, aprendi a ter confiança em mim.



Sobre um tapete persa em show de Carlos Machado, na boate Monte Carlo.

Até hoje me lembro de um show que falava de Veneza e eu era um gondoleiro. Vestia uma calça listrada de azul e branco, que saía debaixo do umbigo e vinha até a metade da perna, um sutiã de coisa assim, um chapéu na cabeça e a gente ficava lá atrás fingindo que estava na gôndola. E eu pensando assim: *Mas que merda de roupa!* Claro que eu gostaria de usar uma coisa mais desbundante, mas eu comecei do começo, meu amor. Perguntei pro Machado: *Essa roupa não está muito pobre?* Ele me respondeu que a roupa podia estar, mas eu não estava. Disse assim: *Você olha para o público e faz de conta que está vestida de rainha.* Nunca na minha vida esqueci disso. Quando entro no palco, sabe aquele negócio de entrar? Você entra, faz assim, se empina, não precisa dizer nada e todo mundo sabe que você chegou. E, modéstia à parte, eu era muito engraçadinha, muito interessante e tudo. Ele me ensinou a botar essa coisa pra fora. Porque eu era muito tímida. Aliás, ainda sou tímida. Eu rebato muito minha timidez na base da resposta direta, não deixo passar, entendeu?

Os shows do Machado, assim como os do Walter Pinto, eram muitos bonitos. Não cheguei a trabalhar com o Walter, apesar de ter sido convidada, mas fiz vários shows com Machado, perdi até a conta. Era o Machado nas boates e o Walter

Pinto na Praça Tiradentes. Eu me lembro de um espetáculo do Machado chamado *Um Americano em Recife*, que tinha o ator Silveira Sampaio no elenco. Era um pouco calcado naquela história do Orson Welles que veio ao Brasil para fazer um filme jamais concluído. O tal americano do título vinha procurar uma atriz para fazer o show dele. A Nancy Wanderley, excelente comediante, encarnava muito bem a nordestina e vinha com uma roupa hilária e dizia que sabia fazer tudo, entende? Ela cantava em inglês com sotaque nordestino, era muito engraçado. O show não tinha só isso. O elenco do Machado era imenso, com humor, canto, dança e orquestra em cena. Ele era apaixonado pela França, morou um tempo lá, foi caso da famosa bailarina e cantora Mistinguett, e fez aqui um show deslumbrante chamado *Paris c'est comme ça*. Ele era uma figura imponente, com aquele cigarro, aquela coisa... Um homem bonito, alto, sabe? O Sérgio Porto o chamava de *El Rey de La Noche* e ele era mesmo. O Rio era a Capital Federal, então toda essa gente do governo frequentava os shows dele. As mulheres vinham sempre maravilhosas, bem-vestidas, com chapéu, uma coisa linda. Os homens também. Aí, fazem sempre aquela velha pergunta: eles não davam em cima? Davam em cima. Claro que davam. Agora, se você quisesse ir, era um problema seu. Nunca fui. Não digo



Ensaio no estúdio de Valentim

isso para passar por puritana, apenas nunca me interessou. Era contra meus princípios. Até hoje, digo de boca cheia, mas cheia mesmo, para chegar ao que sou, se é que sou alguma coisa, nunca passei por cima de ninguém e muito menos por baixo de pessoa alguma... Ou seja, não sacaneei ninguém nem dei para ninguém. Posso até ser uma porcaria, mas uma porcaria que eu devo a mim, à minha custa. Cheguei até aqui por meus próprios meios. Ou não me daria valor, eu não seria eu, não me respeitaria e eu me respeito. Gosto muito de mim, sabia? Eu tinha meus namoradinhos, mas necessariamente não precisavam ser coronéis. Sempre tive bom gosto. Quem conhece meu marido sabe disso. Então pronto, não preciso dizer mais nada. Se você não se gosta, acaba virando carne de pescoço. Nem carne de pescoço vira, porque não é todo mundo que come. Vira chiclete. Eu odeio, mas todo mundo come. Então, acaba virando chiclete. Minhas amigas tinham os casos delas. Algumas ainda devem estar vivas, mas numa merda que faz gosto. Quando eu era pequena, tinha um anúncio no bonde que dizia assim: *O mundo gira e a Lusitana roda...* Minha grande amiga, a comediante Consuelo Leandro, sempre se lembrava disso. Vivia dizendo: *Aguarde, porque o mundo gira e a Lusitana roda.* Eu estou aqui. Mas cadê aquelas meninas cheias de sonhos e os seus coronéis?



Ensaio no estúdio de Valentim

Capítulo IX

Identidades Falsas

Quando começamos com Carlos Machado, éramos todas tão jovens. Eu tinha 16 para 17 anos, precisei até tirar carteira falsa para trabalhar. Quando a gente passou a se apresentar na Boate Casablanca e aparecia o Juizado de Menores, o show ficava reduzido à metade... Havia uma prainha e todo mundo descia para lá e ficava esperando o Juizado ir embora para voltar ao palco. Então o Machado resolveu isso tirando carteiras falsas pra todo mundo. Até hoje tenho a minha. Por ela, sei lá quantos anos tenho... Sou Matusalém... Mas minha idade verdadeira é 77 anos.



Sérgio Cardoso, Carmem Verônica e Guilherme Correa nos bastidores da peça Sexy. Sérgio escreveu a dedicatória num inglês macarrônico: Tú Carminha, rú is gríti, mas gríti mesmo, uiti ól mai Love andi adimireichon andí quisses. Guilherme também fez graça e escreveu: Para Carminha, com admiração que a minha cara mostra e um abraço.

Capítulo X

Boca de Pato Donald

A gente não entrava nessa de culto ao corpo como acontece hoje. Isso é uma coisa que surgiu agora. Eu tinha aquele corpo escultural porque nasci com ele. Fazia parte da educação das meninas estudar balé, piano e tal. Mas isso era o máximo que se fazia. Hoje em dia, todo mundo vai pra academia, todo mundo corre na praia, todo mundo malha, todo mundo não sei quê. Aí começa a história de não vou comer isso porque engorda, nem aquilo porque dá barriga. Tem menina aí que não come uma azeitona porque engorda.

51

Eu nunca fiz regime. Até os meus 60 anos, sempre fui mais ou menos a mesma coisa. Acho que é genética. Eu não fazia ginástica, não fazia nada. Eu trabalhava tanto que se fosse fazer ginástica, apagava. Então não dava. Na televisão tinha ensaio. A gente ensaiava de tarde para o programa que ia fazer de noite. No dia seguinte, tinha outro programa para ensaiar. Viajava do Rio pra São Paulo, viajava pra todo canto do Brasil. Fazia teatro também. Uma vez, tive de pedir licença na TV Record para fazer uma peça com o ator Sérgio Cardoso. Eu estava sempre em ebulição, sabe? A gente trabalhava muito e isso enchia a

cabeça, preenchia a vida. E ninguém era louco de sentar e comer feito um paxá, a ponto de não conseguir levantar da cadeira, porque tinha coisa para fazer depois. E quem não era certinha, era porque já tinha nascido bagulho mesmo, daí não tinha jeito. Ninguém operava nada.

Hoje em dia, as pessoas botam tanto peito pos-tiço que daqui a pouco vão cair pra frente... Ou botam bunda e caem pra trás... Todo mundo bota um negócio... Quando começa dar sinais de velhice na boca, bota botox e fica assim com boca de Pato Donald. É um horror. Já fiz plástica, já dei uma puxada, claro que dei. Até queria dar mais outra, mas agora vai ficar assim mesmo. Ah, é como sempre digo, a bunda cai, mas o talento fica. É o que interessa. As pessoas entraram nessa de botar coisa em tudo o que é lugar e não é todo mundo que fica bem. Na maior parte das vezes, a gente nota que não é natural. A pessoa fica com uma cara que não é a dela. Acho que se olha no espelho e diz muito prazer. Ou diz que desprazer porque que merda eu estou olhando? A gente fica velho. Ninguém é Dorian Gray. Está velho, está velho, fazer o quê? Tem gente que envelhece péssimo, tem gente que envelhece menos mal. Porque envelhecer é uma merda. Principalmente quem tem a cabeça airosa como eu tenho. Às vezes, alguém vem me dizer

que fulano fez 60 anos e eu digo: *Pô, tá velho, hein?* Depois me toco que sou bem mais velha. Sabe por que isso acontece? Porque a idade da gente está aqui na mente. Pior é o pessoal de televisão que eu conheço e sei muito bem a idade que tem, mas todos são mais novos do que eu! Daqui a pouco estão na escola primária. É um milagre. Se cai umas dobras de buldogue, tudo bem, puxa daqui, puxa de lá. Cortar as pelancas é uma coisa, mas botar boca de Pato Donald, meu amor, não dá...



Estreia no Teatro de Bolso, em Ipanema, com a peça No Tempo do Amadorismo. Em pé, da esquerda para direita: Maria Sampaio, Silveira Sampaio e Carmen Verônica. Sentados: Ariston, Magalhães Graça e ator não identificado.

Capítulo XI

Do Musical para a Comédia

Eu ainda trabalhava com Carlos Machado quando o Silveira Sampaio, que era ator, diretor, dramaturgo e empresário, me levou para o teatro de comédia, quer dizer, para o Teatro de Bolso, na Praça General Osório, em Ipanema, um teatrinho minúsculo que fazia jus ao nome, mas que pertencia ao Sampaio. A primeira coisa que fiz com ele foram três pecinhas, uma de Georges Courteline, outra chamada *No Tempo do Amadorismo*, e um texto hilário chamado *Palavras Trocadas*, que era um verdadeiro *tour de force* para o ator. Primeiro, a gente decorava o texto com as palavras corretas para depois usar a mesma inflexão com tudo trocado. Por exemplo: *como vai você?*, a gente dizia *bom vatapá, meu tatu?*, mas com a inflexão de como vai você. Numa cena em que se servia chá, em vez de perguntar *creme ou limão*, a gente perguntava *axilas ou virilhas?*. Apesar das palavras trocadas e sem sentido, a plateia entendia tudo por causa da inflexão e rolava de rir.

55

Depois substituí a atriz Sônia Correa para fazer a amante de um ministro em *Sua Excelência em 26 Poses*, peça de autoria de Sampaio. Trabalhei

também na companhia Tônia-Celli-Autran, formada por Tônia Carreiro, Adolfo Celli e Paulo Autran, fazendo uma peça no Teatro Mesbla que se chamava *Olho Mecânico*. Era um texto estranho, mas engraçadíssimo, escrito por A. C. Carvalho. A direção foi de Benedito Corsi, que considero um grande diretor. Ele era o tipo que chegava e dizia: *Faz assim*. Se o ator não conseguia fazer, ele ia lá e fazia. É o mesmo caso do Jorginho Fernando, na Globo. Ele também vai lá e faz.

Eu e meu marido Jacques ficamos muito amigos do Sampaio. Era uma pessoa inteligente. Ele era médico e resolveu fazer teatro. O que me deu uma alegria demais da conta, como diz o mineiro, foi o dia em que Madame Morineau apareceu no ensaio e quando vi estava sendo dirigida por ela. Queria morrer! Como diz o outro, são tantas emoções! Minha vida foi assim, de emoção em emoção.

Cheguei a trabalhar com o ator Sérgio Cardoso, numa peça chamada *Sexy*, que ele já havia encenado em São Paulo e fez comigo no Rio de Janeiro. O meu marido na peça era o Tarcísio Meira. Mas minha passagem pelo teatro de comédia é um pouco doida. Eu dava umas paradas. Até que em 1996, o dramaturgo Mário Rasi me chamou para fazer *As Tias*, que, além de mim,



No cenário da peça Sexy, que fiz ao lado de Sérgio Cardoso no Teatro Mesbla, no Rio de Janeiro.



Com Berta Loran no camarim do Teatro Fernanda Montenegro durante a temporada de As Tias, peça de Mauro Rasi

reuniu no elenco as atrizes Berta Loran, Dirce Migliaccio e Yolanda Cardoso, e apresentava o ator Murilo Benício, que estava em início de carreira. Eu interpretava a tia Gladis, uma tia louca e *viada*. Adorei fazer.

Capítulo XII

Heroína Psicodélica

Durante um bom tempo fui protagonista do *Teatro Psicodélico*, um programa exibido pela TV-Rio, que transformava peças e óperas famosas em chanchadas humorísticas. Fiz todas as personagens femininas, de Aida a Dalila, de Sherazade a Betsabá... Quando interpretei Cinderela, o príncipe era o Jorge Loredó, que faz até hoje o Zé Bonitinho, mas em vez de perder o sapatinho de cristal, botaram lá uma botina de soldado número 50 emprestada no Forte Copacabana que era ao lado da emissora.

61

Particpei de inúmeros programas da TV-Rio, como *Praça Onze*, *Riso é o Limite*, *Noites Cariocas* e muitos outros. Uma vez, em *Noites de Gala*, fui chamada para cantar dentro da jaula de um leão. Devia ser desdentado, porque o bicho não tava nem aí pra mim. Mas uma atriz mau-caráter roubou meu papel. Tanto fez que me tiraram do quadro e ela entrou para cantar no meu lugar. Não vou falar o nome dela, embora ela seja bem conhecida. Não sei se a criatura inventou histórias maledicentes para convencer a produção a me trocar por ela, do mesmo modo que fez para ficar sozinha para apresentar um programa de



Cantando e atuando no programa Noite de Gala, da TV Rio, em uma gare qualquer...



Com o coreógrafo Juan Carlo Berardi no programa Noite de Gala, da TV Rio



*Com as cantoras Carminha Mascarenhas e Marisa Gata
Mansa nos bastidores do programa Noite de Gala, da TV
Rio, nos anos 60*

TV que era para ser de nós duas. No entanto, no dia da estreia, emprestei roupa, pulseiras e tudo porque ela não tinha nada. Tipo luva de pelica, entende? Mas de que adiantou ela dar golpe baixo? O programa foi ao ar uma única vez... Hoje ela é uma coitada. Não acho que seja uma pessoa feliz. Não vou citar nomes porque não quero colocar azeitona na empada de ninguém.

Programas como *O Riso é o Limite* e *Noites Cariocas* paravam o Rio de Janeiro. Todo mundo assistia. Lembro de um quadro divertidíssimo que eu fazia com o ator Antônio Carlos Pires, o Tuneca, pai da atriz Glória Pires. Ele interpretava um cabeleireiro português *viado*. Eu, Consuelo Leandro e Marilu Bueno éramos três fofoqueiras que falavam mal da humanidade e punham a culpa nele. Era hilário!

65

Eu era chamada para tudo. Como não tinha contrato exclusivo com nenhum canal, estava em todas. Só não trabalhei em circo porque não me chamaram. Não era cantora, mas cantava. Uma vez, como não havia ninguém para me acompanhar, cheguei no Baden Powell e pedi se ele poderia tocar para mim. O Baden topou. Tenho uma foto que mostra essa apresentação. O pianista Walter Wanderley foi outro que tocou muito pra mim. Mas cantei também na Rádio Nacional. O Mário Meira Guimarães trabalhava



O grande violonista Baden Powell acompanhando Carmem em um programa da TV Tupi

lá e disse assim: *Ah, vai hoje à noite ao meu programa pra cantar uma música.* E eu fui. Já não posso dizer que não cantei na Rádio Nacional, onde cantaram Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Carmélia Alves e tantas outras. Cantei *Dora*, do Dorival Caymmi, a rainha do frevo e do maracatu. Olha, o que eu tenho no armário de partitura musical é uma loucura!



Com Nancy Montez e Zélia Hoffman num musical humorístico da TV Tupi

Capítulo XIII

Saludo Carioca

Viajei muito a trabalho, mas a primeira vez que fui para o exterior foi com um show do Carlos Machado no Hotel San Raphael, em Punta Del Este, no Uruguai. O espetáculo chamava-se *Un Saludo Carioca* e foi todo preparado no Brasil. Eu fazia a apresentação em castelhano. Machado levou passistas, ritmistas, todas as *girls*, ou seja, as meninas, e disso fez um show deslumbrante. Além do prólogo, onde eu dava *saludo* a todos, havia um monte de outros quadros do qual participava e ainda voltava no *grand finale*. Eu e as meninas entrávamos e todo mundo sambava com roupas deslumbrantes, cheias de plumas, paetês e aquela coisa toda. E, logicamente, quem estava no show? Consuelo Leandro, minha grande amiga, de imensa saudade, que fazia um monólogo em castelhano, escrito pelo Mário Meira Guimarães, chamado *A Carrapeta*.

69

Havia cassino no San Raphael, quando a gente não tinha o que fazer, ia jogar. Mas à tarde, aparecia um bando de garotos, alugávamos bicicletas e toda a patota ia para uma série de praiazinhas que havia por lá. Eu me lembro de uma história hilária. Gosto muito de antiguidades, vi um antiquário e entrei. Estava com



Com Eduardo Logulo e Consuelo Leandro.

o cabelo preso por um lenço porque fazia um vento horrível. Dentro do antiquário notei que um homem olhava insistentemente para minha cara. Já fiquei meio assim. Eu, hein? O homem não tirava o olho, não gosto dessas coisas não. Para onde eu ia, o homem olhava. Escolhi umas peças para levar. Aí, o homem veio falar comigo. Ele se desculpou pela insistência com que me olhava e disse que queria me mostrar uma coisa. Pensei: *Hum, esse papo é antigo...* Mas respondi: *Sim, pois não?* E ele: *É que estive olhando muito pra você...* E eu: *É... notei....* E voltou a dizer que queria me mostrar uma coisa. *Ihhh, o que esse homem quer me mostrar?*, pensei de novo. Ele disse para que eu não me preocupasse e que o seguisse. O homem me mostrou então uma cabeça do faraó Amenófis IV. Era a minha cara! Uma coisa impressionante. A escultura tinha exatamente os meus traços, tudo, tudo, tudo igual! Ainda mais que eu estava com um lenço na cabeça, que lembrava aqueles trecos que os faraós usavam! Dizem que o Amenófis IV era medonho, então mandava esculpir estátuas dele com uma cara decente, uma cara para ser vista e não assustar as crianças. O rosto da escultura era bem bonito. Ainda bem. Porque se tivesse a cara verdadeira do Amenófis, o homem ia se ver comigo! Ele acabou me dando a escultura, que guardo até hoje de lembrança.

Capítulo XIV

Meu Marido Jacques

Meu marido foi uma pessoa que me abriu a cabeça, porque eu acho que no mundo a gente tem de aprender muito. Eu o conheci na boate Monte Carlo, onde estava fazendo um show e ele foi assistir e me achou bonitinha. A Monte Carlo ficava no topo de um morro e por isso tinha um carro da casa que descia com a gente. No final do show, o Jacques perguntou se eu queria uma carona. Agradei, mas ele insistiu muito e eu fui. Naquela época, ainda dava para pegar carona. Achei estranhíssimo o carro dele porque nunca havia visto um igual àquele. Era um Rolls Royce.

73

Jacques é engenheiro agrônomo, mas jamais exerceu a profissão. Ele é empresário. O nome dele e o meu estão na publicação americana *Who's Who In The World*. Namoramos durante anos! Nunca tive pressa nem pra arrumar marido, porque sempre soube que o que era meu estava guardado. Tudo para mim vinha tão normalmente que eu pensava que fosse assim para todo mundo e não era. Acho que nos casamos em meados dos anos 1950. Sou péssima para datas. Estamos casados há mais de meio século! Depois do casamento, o Jacques não quis que eu traba-



Com o marido Jacques Sicart no apartamento, Rio de Janeiro, no finalzinho dos anos 50.

lhasse mais. Fiquei parada, digamos, um ano... Ele pegou um pouco dessa coisa brasileira de machismo, entende? Só que era a minha vida. Se eu não trabalhasse, não sabia o que fazer. Parei e fiquei assim meio coisa. Não aguentei. Mas aí voltei com mais força. Porque fui trabalhar com o Zilco Ribeiro, um grande diretor de teatro de revista e um mestre dos *pocket shows*.

O Zilco me convidou para fazer o espetáculo *Doll Face*, que tinha roteiro de Mário Meira Guimarães, um autor imbatível, não havia nada melhor. Eu dividia o estrelato com a Silvia Fernanda, que também já havia trabalhado com o Carlos Machado. Ela abria o prólogo, que falava de histórias infantis, vinha vestida de fada e dizia assim: *Era uma vez o mundo encantado de nossa infância...* E aí os atores iam entrando e cada um contava a sua história. Entrava o Pituca de Visconde de Sabugosa, a Consuelo Leandro de Emília, a Alice era a Sônia Mamede, tinha uma argentina, Fernanda Villa Maior, que fazia a Chapeuzinho Vermelho. No final, eu fechava de Branca de Neve cantando uma música que era a mais ousada da peça. Dizia assim:

*Tenho sete bons velhinhos
Dedicados e fiéis
Só que não são anõezinhos
mas ricos coronéis.*

E aí eu contava a história de cada velhinho. Esse era o máximo da imoralidade, se quiserem chamar assim. Havia o número *Samba Falado*, baseado no *Fado Falado* do João Villaret. Quem fazia era o Rui Cavalcanti e depois o Agildo Ribeiro fez também. Era uma peça em que as pessoas iam para se divertir. O Jacques foi muitas vezes assistir aos ensaios.

Eu fazia também um esquete de duas minhocas, uma da praia de Ramos e outra de Copacabana. Eu era de Copacabana, claro. Lia *Paris Match*, usava uns óculos brancos de persiana azul e tomava champanhe. Aí entrava o Pituca, que era magrinho, fazendo a minhoca suburbana. O público ria do começo ao fim da peça e não tinha um único palavrão. Porque palavrão não tem graça, a não ser quando está bem encaixado no texto ou esculhamba a piada. Então, o Pituca chegava dizendo que era de Ramos e eu dava uma olhada querendo matar. Imagina, aquela minhoca mixa debaixo da minha barraca. Eu perguntava como é que ele veio parar ali. Ele explicava que tinha vindo de ônibus, escondido na dobra do maiô de uma garota lá do subúrbio. Então, furiosa, eu dizia: *Deteeesto esses ônibus de intercâmbio social!* Ele ficava muito interessado porque eu contava umas histórias recheadas daquelas coisas que os colunistas sociais, tipo

Ibraim Sued e Jacinto de Thormes usavam... Eu dizia que tinha ido à casa de *madame Tal*, né, Gioconda Lucia, e que a *hostess* não sei quê... Quer dizer, eu era uma minhoca *viada* e afetada e a outra era uma pobre coitada que tinha vindo na dobra de um maiô. Era muito engraçado.

O Zilco foi convidado para fazer um show no Golden Room do Copacabana Palace. Ele foi para Paris e comprou todas as penas, plumas, paetês, tecidos. O show se chamava *Turbillon* e era de uma grandiosidade... Tônia Carreiro, Célia Biar, Consuelo Leandro, Marina Marcel, a Eliseth Cardoso, que cantava uma música, estavam no elenco. Logicamente, eu estava no show. Olha, tinha gente que até Deus duvidava. Foi a estreia da Márcia de Windsor, que tinha vindo de Minas Gerais. Eu ensinei a Márcia a andar porque ela nunca havia trabalhado em nada parecido. A comissão de frente éramos nós três, a Márcia, a Sílvia Fernanda e eu. Nós costurávamos o espetáculo. Havia um número em que a Tônia descia uma escada tipo *Sunset Boulevard* com os rapazes vestidos de smoking e cantando *Baby, Scratch My Back*, mas a cena não tinha nada a ver com a letra da música. Bom, o Zilco estreou o show, que foi a abertura e encerramento, porque no dia seguinte saiu de cartaz. O Zilco resolveu remontar tudo. Nessa

remontagem, a Tônia não ficou. Então, ele me perguntou se eu poderia cantar *Baby, Scratch My Back* no lugar dela. Eu disse que sim, mas que mudaria tudo. Bolei a roupa, a coreografia, o cenário, tudo. A música fala de alguém que pede para que lhe coce as costas, então eu tinha uma pluma enorme e aparecia de costas. Ficou muito interessante. O show ganhou uma cara nova e ficou um bom tempo em cartaz.



Silvia Fernanda, Zilco Ribeiro e Carmen posando para foto no palco do Golden Room do Copacabana Palace, no show Turbillon.



Cantando Scratch My Back no show Turbillon, de Zilco Ribeiro, com figurino desenhado por Carmem Verônica



Cantando Scrath My Back: aqui dá para ver bem a ousadia do decote que Carmem inventou

Capítulo XV

Endoidando Tio Sam

Lá pelos anos 1960, o Brasil foi convidado, pela primeira vez, a se apresentar em um congresso de turismo no Havaí. Faziam parte da comitiva figuras da sociedade e artistas como o pianista Bené Nunes, a mulher dele, a cantora Dulce Nunes, Luís Bonfá, passistas e ritmistas. Eu, Consuelo Leandro e Núcia Miranda fomos convidadas para nos apresentar de baianas e, para isso, levamos nossas roupas desenhadas por um estilista do Rio de Janeiro.

83

Primeiro, aterrissamos em Nova York. Teve um dia em que Consuelo, Núcia e eu saímos para passear e fazer compras e nos perdemos. Fomos pro lado errado e demos no cais do porto. Aí começou a dar *paura*, meu Deus, onde é que estamos? O dia escurecendo e a gente apavorada, falando em português. Não é que havia um navio brasileiro ancorado e veio um senhor simpaticíssimo falar conosco? Ele perguntou para onde queríamos ir e a gente respondeu quase chorando: *Aaaai, a gente quer ir pro hotel!*. Aí ele disse o que devíamos fazer e fomos embora. De noite, o que fizemos? A Consuelo é quem dava ideias. Ela propôs: *Vamos andar*

de subway! Eu disse não que não iria andar de subway coisa nenhuma porque sou claustrofóbica: *Se você quer conhecer o subway, vamos até lá, você entra, vai pra onde quiser, e eu volto.* Ríamos o tempo inteiro, parecíamos três idiotas.

De Nova York seguimos para São Francisco. Lá eu quase não saí à noite, a Consuelo é que saía. Achei uma cidade meio fantasma, não se via ninguém na rua, só gente andando de carro. Fiquei no hotel e vi televisão pra burro. Ficava assistindo à série *The Roaring 20's*, que se passa numa época que me amarro muito, os anos 1920. Se existem outras vidas, devo ter vivido nesse período, como acredito que devo ter vivido um pouco de Cleópatra também.

De São Francisco fomos pra Honolulu. O grande show foi no Royal Hawaiian, um hotel imenso que tem sete piscinas. No nosso não tinha piscina, mas ficava no pé de uma praia maravilhosa. De noite havia sempre duas orquestras, uma do Havaí, que tocava um pouco aquelas porcarias de hula-hula e outra orquestra boa. Logo que chegamos, fomos relaxar um pouco e todo mundo pediu um drinque, inclusive eu. Veio o drinque de todo o pessoal, menos o meu scotch com gelo. Chamei a garçonete e reclamei o meu drinque. O pessoal já tinha tomado dez doses e nada do meu drinque. Chegou uma hora em que fiquei

puta. Reclamei pro Bené Nunes: *Pomba, não estou falando errado, pedi meu drinque corretamente, será que essa mulher está de marcação comigo?* Comecei a me empombar. Chamei a garçonete de novo e disse: *Escuta aqui, posso saber por que você não traz o meu drinque?* Ela respondeu que ali não serviam drinques a menores. Imagine, eu estava então com 27 anos. *Ah, porque você não falou logo? Espere aí, minha filha!*, disse a ela. Fui buscar meu passaporte no quarto para comprovar a idade, mas antes virei para Consuelo e falei: *Viu, bicha, sou menor de idade, não posso beber...* Eu tinha muito esse problema por lá porque, ao menos naquela época, as mulheres americanas de 27 anos já estavam todas vincadas, assim meio caco, acho que porque não tinham empregadas e eram obrigadas a fazer tudo, sei lá. Aonde eu ia, levava meu passaporte, senão não bebia.

85

A Consuelo me sacaneava demais. No hotel havia muita gente da Marinha e ela espalhou que eu era a Rainha da Marinha no Brasil. Então, todos os marinheiros e almirantes presentes vinham me tirar para dançar. Não me deixavam em paz.

A gente se divertia o tempo todo. Alugávamos por dois dólares um daqueles barquinhos que tem lá, iguais aos do seriado *Hawaii 5.0*, e íamos para fora da arrebentação com dois nativos

remando, remando, remando, porque nenhum brasileiro estava a fim de remar porra nenhuma. Eu, exibida feito não sei quê, ia sentada na frente. Na primeira onda, eu me molhei todinha, mas tudo bem, levei na esportiva. Uma sensação maravilhosa, divina, lá fui eu. Gostamos tanto que repetimos o passeio mil vezes seguidas. Pagava e já voltava. E nesse vai e volta, o barco enchia de água, porque tem muita onda naquele mar. Chegou uma hora que eles pediram pra todo mundo sair do barco pra poder tirar a água de dentro. Aí, bato o olho numa coisa assim. Eu disse: *Gente, o que é isso?* Todo mundo riu e falei: *Não ri não, porque joke tem clock... Isso aí é tubarão! Se vocês quiserem sair, saiam, porque eu vou ficar aqui dentro.* Nunca mais quis andar naquela porcaria. Eu, hein? Não vou pro Havaí pra virar comida de tubarão.

Só sei que foi muito legal nossa passagem por Honolulu. Acordava e ia para a praia. Andava o dia inteiro descalça e o pé não sujava porque as ruas eram limpíssimas. Um dia, a Consuelo disse: *Agora vamos ao vulcão.* Era um daqueles vulcões que tem lá. E eu: *Fazer o quê no vulcão?* E ela: *Você tem de ir para pagar a promessa que eu fiz.* Ela tinha essa mania de fazer promessa e quem tinha de pagar era eu, pode? Então, lá fui eu no tal vulcão não sei das quantas. Ninguém pode

fazer ideia do que era Consuelo e eu viajando juntas. Nós nos divertíamos muito, porque imagina duas pessoas assim pra cima, ela também era geminiana, então a gente chegava nos lugares e já fazia amizade com a humanidade. Quando apresentamos o show, foi muito legal, com pas-sistas e ritmistas. E nós três com nossas baianas esplendorosas, lindas baianas.



Show em Honolulu com roupas de baianas: Carmem e Núcia Miranda estão em pé; Consuelo Leandro está à frente, ao lado do pianista Bené Nunes.



Ensaio no estúdio de Valentim

Capítulo XVI

Com a Macaca em Los Angeles

Antes de voltar dos EUA, Consuelo e eu resolvemos esticar uns dias em Los Angeles. A cantora Sylvinha Telles e o produtor Aloysio de Oliveira moravam lá e eu era muito amiga do casal. Nós duas saímos do hotel e nos hospedamos na casa deles. No mesmo prédio morava o violonista Nanai, que acompanhou a Carmen Miranda. Ele chorou quando nos viu, aquela coisa de brasileiro no exterior...

Quando Consuelo e eu nos juntávamos, era sempre uma festa, a gente chegava donas da situação, ia dizendo *oi, oi, oi* e logo ficava conhecendo uma porção de gente. Fizemos amizade com pessoas que nem Sylvinha e Aloysio conheciam e eles já moravam lá há um tempão. No dia do *Thanksgiving* teve uma parada na Hollywood Boulevard e então eu disse pra Consuelo: *Vamos assistir, bicha?* Nós nos tratávamos por bicha. Aloysio disse: *Aonde vão essas duas?* Eu o chamava de Seu Azeitona por causa do sobrenome Oliveira. Então eu respondi: *Deixa com a gente, Seu Azeitona!* Lá na parada, nós duas demos escândalo. Uma gritava pra outra: *Vem pra cá, daqui se vê melhor!* Os carros vinham

com estrelas de cinema e aí passou o Johnny Weissmuller que fazia os personagens Tarzan e Jim das Selvas. A Consuelo começou a berrar: *Seu Jim, seu Jim! Cadê a Chita?* Ninguém conhecia mesmo a gente, podíamos fazer a escrotidão que quiséssemos. A gente ria tanto! Nós fazíamos aquilo pra gente mesmo.

Além de trabalhar pra Disney, o Aloysio trabalhava também numa Records não sei das quantas. Ele tinha uma amiga lá chamada Cid, a gente ia muito na casa dela. Um dia, a Cid contou que um amigo havia nos visto e que pedia para que eu fosse jantar com ele. O cara era um *big shot* do cinema... Eu então falei pra Consuelo: *Bicha, não vou jantar com esse homem sozinha não... Tu vai junto!* Ele nos levou a um lugar onde todas as moças tinham a mesma cara. A cara de uma era a cara de todas. Quando eu entrei, todo mundo olhou pra mim. Claro, eu bem queimada porque tinha vindo de Honolulu e ainda tomava sol em Los Angeles. Um cabelão todo cheio de mechas. E eu muito airosa, muito assim, sabe como? E ele me falou: *Sabe que sua beleza chama muito a atenção?* E eu: *Meu Deus, mas e todas essas moças aqui?* O cara então falou que elas tinham tudo a mesma cara, mas que a minha beleza era diferente. Engraçado, nunca me achei bonita. Eu me achava uma mulher normal que tinha algo

a mais, sei lá. Começamos conversar, conversar, conversar. Ele queria saber o que a gente fazia e o que a gente não fazia. Quando começamos a traduzir para o inglês os monólogos que fazíamos no Brasil, aí ele ficou enlouquecido e disse que aquilo não tinha lá... Era um tipo de humor diferente de tudo o que ele conhecia. Pediu para que a gente mandasse uns esquetes. Mas naquela época não havia VHS e muito menos DVD. Falei pra Consuelo: *Bicha, a gente vai mandar isso como? Vamos gastar uma nota...* Aí, ficou por isso mesmo. Talvez tivesse acontecido algum trabalho por lá porque eu tenho uma cara diferente para eles. Pensavam muito que eu fosse francesa porque eu falava em francês com algumas pessoas e estava sempre chique. Sabe aquele chique que a gente bota só uma coisa aqui e pronto? Não está empentelhada de coisas, está chique. Acabamos não fazendo nada lá, mas nos divertimos muito.



Na coxia da TV Record, queimadíssima pelo sol de Honolulu, esperando sentada para entrar em cena

Capítulo XVII

Misse Stella Solaris

Imagine se eu paro para falar de todas as minhas viagens. Daria dez livros. Mas há uma viagem, que nem foi a trabalho, que gosto de lembrar. Nessa época, minha irmã Alda morava em Paris. Aí tinha uma patota que a gente conhecia e, num sábado, decidimos sair pra jantar num restaurante em Saint Germain, que ficava numa daquelas ruas estreitinhas, onde tem um restaurante ao lado do outro. Estava demorando muito para vagar uma mesa e como havia um restaurante grego bem em frente, convenci todo mundo a entrar lá. Estava de viagem marcada para a Grécia, então pensei: *Vou aprender grego aqui*. Aí entramos. Era uma turma enorme, nossa mesa tinha umas dez pessoas. O restaurante pertencia a dois primos, porque com essa festa que eu faço num instante já sabia tudo sobre a família toda. Eles nos ofereceram *ouzo*, que eu odeio. Gosto mesmo é de *retsina*, um vinho branco divino, tão seco que quase não sai da garrafa. Aí, conversa vai, conversa vem, contei que iria para a Grécia na semana seguinte e fui pedindo: *Olha, me ensina aí alguma coisa de grego porque quero chegar lá e me virar sozinha*. Eu ia com um amigo meu, o maquiador Paulinho

Flores, já falecido. Ele maquiava as meninas da Varig e, em troca, ganhava passagens aéreas. Propus que viajássemos juntos para ser mais divertido. Então planejamos um cruzeiro no navio Stella Solaris, que saía do porto de Pireu passando por várias ilhas gregas até chegar à Turquia. Fizemos as reservas no Brasil e ficamos de nos encontrar em Roma. Enquanto ele não chegava, fui aprendendo grego.

Aprendi uma porção de coisas. Às vezes, meu amigo grego ficava sem graça com minhas perguntas, mas eu dizia que queria aprender TUDO mesmo! Foi uma coisa maravilhosa porque nós tomamos um avião da Olympic Airlines e fomos de Roma a Atenas. Quando perguntei onde é que a gente ficaria em Atenas, o Paulinho me disse que a atriz Maria Helena Dias estava lá e reservaria um quarto para nós no mesmo hotel em que estava hospedada. Imagine só que fui conhecer a Maria Helena na Grécia! Desembarcamos e demos o endereço do hotel para o motorista do táxi, mas ele não entendeu nada. Lembrei então de minhas lições de grego em Paris. Já sabia que rua era Dromos, daí me entendi com o homem e chegamos ao hotel. Estava lotado, mas eu tinha anotado uma dica de um hotel bom e barato que uma moça que conheci na Itália havia me passado. Mais uma vez me

entendi em grego com o motorista e fomos para um tal Hotel El Greco. O que eu não sabia é que ficava quase na boca, perto da praça Omonia, mas tudo bem. Chegamos, tinha lugar para nós no mesmo quarto e chuveiro, que para mim é importantíssimo. Fazia um calor desgraçado. De repente, apareceram umas mulheres de preto, pareciam carpideiras, olharam pra mim e me chamaram de *kukla*, que quer dizer *boneca*. Ih, pra quê? Já saí beijando todas elas... Fiquei toda feliz. *Kukla*? É comigo mesmo!

Combinamos de fazer umas comprinhas. Saí discretíssima, usando uma coisa cavada que eu dava um nó, jeans abaixo do umbigo, sandália de salto de cortiça e um chapelão enorme. Quase não chamava a atenção... Quando voltamos, já era noite. Vestida nesses trajes, as mulheres que já estavam trabalhando nas ruas ali perto do hotel me olhavam como se eu estivesse roubando a clientela. À noite, fizemos um *tour* que incluía um *show* de luz e som na Acrópole, um festival de vinhos e danças típicas e tudo terminava com um jantar. No festival era assim: ou você comprava uma garrafinha ou uma caneca e enchia quantas vezes quisesse. Eu preferi a garrafinha porque era bojuda, parecia uma ânfora, uma graça. Tomamos sei lá quantas doses e, quando vimos, o ônibus do *tour* tinha

ido embora e perdemos o jantar. Deu aquele desespero, mas falei: *Deixa comigo!* Eu já tinha tomado nem sei quantas garrafinhas. Fui até a avenida e, de garrafa na mão, fazia sinal para os táxis que passavam. Até que um parou. Quando olhei para o motorista, não acreditei. Era um homem tão bonito, mas tão bonito, que olhei pro alto e disse: *Por Zeus e por todos os deuses do Olimpo... Que bofe!* Eu me sentei na frente, com ele, e fomos jantar no bairro de Plaka. No trajeto, fiquei gastando porcamente meu grego, naquela base do *me Jane, tu Tarzan* ou qualquer coisa por aí. Eu juntava as frases e dava certo. Foi muito engraçado porque rimos pra burro, né? Uma hora lá eu estava rindo *quá, quá, quá, quá* e levantei minha garrafinha tão linda para fora da janela do carro e ela caiu no chão. Pensei: *Esse homem vai achar que eu não só estou bêbada como sou louca.*

No dia que embarcamos rumo às ilhas gregas, subi no navio com um chapelão desse tamanho que havia comprado em Anacapri, óculos escuros e uma braçada de flores pra jogar no mar Egeu em homenagem a Iemanjá. As pessoas olhavam e deviam se perguntar quem era aquela doida que chegava cheia de flor. O Paulinho dizia: *Você não tem vergonha?* Eu respondia: *Pagaram minha passagem? Tenho de dar satisfação a alguém?*

*Então, vou jogar flor onde eu quiser. Não estou poluindo o mar... Ah, fui jogando as flores e foi muito legal. Paramos em várias ilhas. Em Creta dei vexame quando fomos visitar Cnossos. Entramos na Sala do Trono, onde tem um altar de sacrifícios e imolavam ovelhas e não sei quê... Eu vendo tudo aquilo, os *cheveaux au vent*, muito louca, e, de repente, *taboft*... Caí dentro do buraco do sacrifício. E o Paulinho: *Você me mata de vergonha, como é que vem pra cá com uma sandália alta assim?* Era uma sandália de salto anabela. Ainda bem que o buraco não era muito fundo.*

E lá fomos nós para a Turquia. Em Kusadasi quase perco o navio porque eu estava comprando uns negócios muito bonitos, umas antiguidades, uns colares e de repente ouvi todo mundo gritando por mim. E eu: *O que é, o que é?* Quando percebi o que estava acontecendo, saí correndo e quase caio de novo, só que dessa vez dentro do mar. Daí fomos para Éfeso, que achei um delírio, viajei na história mesmo, para mim foi o berço da civilização. Eles inventaram a sinalização, os banheiros públicos... Não sei onde anda a fotografia, mas tirei uma sentada naquelas privadas. Achei deslumbrante. Quando chegamos em Istambul, de manhã cedo, foi lindo. O navio se aproximando do porto e eu vendo os minaretes

e ouvindo de longe os muezins chamando para a oração. Não posso encerrar o relato dessa viagem sem contar uma coisa muito divertida que aconteceu a bordo. O nome do navio era *Stella Solaris* e em todo cruzeiro eles escolhiam a *Misse Stella Solaris*. O Paulinho ficou me atiçando: *Vai, vai, vai...* Eu me inscrevi e ganhei o primeiro lugar. Achei muito engraçado o negócio. Voltei pro Brasil como *Misse Stella Solaris*. Não é o máximo?



Miss Stella Solaris para os aplausos do público

Capítulo XVIII

Chega de Saudade

Saudade eu sinto da época da bossa nova. Tenho tudo que é disco de bossa nova em casa e guardo ótimas lembranças daquele pessoal. Era amicíssima de Jorge Ben. Ele me deu de presente seu primeiro violão, que ganhou da mãe. Esse violão ficou guardado na minha fazenda durante décadas, aí a madeira meio que ficou balançada, quer dizer, não ia tocar lhufas, nem que recebesse uns passes. Eu era tão amiga do Jorge, que ele até fazia música para uma cadelinha que eu tinha, a Luluzinha. Uma pequinês, é claro.

99

Quando a Sylvinha voltou dos Estados Unidos, passou a fazer muitos shows na TV Record e cruzávamos sempre pelos bastidores. Eu e Jacques frequentávamos a casa dela no Rio de Janeiro. Lá encontrávamos com toda turma da bossa nova. O dia clareando e a gente na casa da Sylvinha. Às vezes aparecia por lá o Dorival Caymmi. Eu me dava bem com Carlinhos Lyra, Miele, Ronaldo Bôscoli... Também encontrava com a turma da bossa nova a toda hora na TV Rio, onde eu trabalhava. Eu me dava com Tom Jobim, fui à casa dele, assim como fui muitas vezes à casa de Vinícius de Moraes.

Com o Miele eu trabalhei. Aliás, ele lançou um livro e não recebi convite para o lançamento. Aposto que nem se lembrou de mim nesse livro, mas o que já trabalhamos juntos, o que já rimos, o que viajamos fazendo shows do Abelardo Figueiredo, nem dá pra descrever. A gente ia chacoalhando dentro do carro e às gargalhadas, porque não dava nem para dormir, não é? Eu me lembro como se fosse hoje de um dia que saímos de um show e fomos para outro em Águas de São Pedro, acho. Sei lá, só sei que era longe, viajamos à noite, nem sei quanto tempo gastamos pra chegar. Era Madalena de Paula, uma cantora chilena que cantava maravilha, Miele, eu e o motorista. A Madalena cantava, cantava, teve uma hora que ninguém aguentava mais. A gente não via nada, era de noite, Madalena cantando, aí eu falei: *Miele, vamos mudar de assunto? Madalena, cala a boca!* Aí nós começávamos a conversar e a lembrar de coisas. Miele iniciou a carreira como puxador de cabo, na TV Rio. Começou do começo como Walter Clark. E Miele é uma pessoa multifacetada, faz coisas que até Deus duvida, um *showman*. Fazia coisas muito engraçadas, ele é engraçado, fazia imitações hilárias. Essas viagens assim eram uma loucura.

Uma fase muito legal foi a do Beco das Garrafas, em Copacabana, que foi o berço da bossa nova.

Tinha um bar ao lado do outro, sempre lotado, sempre um show rolando. Porque lá era a peneira de tudo, foi onde surgiram os grandes trios da bossa nova, a Elis Regina fez uma temporada no Little Club que entrou para a história, todo mundo que tinha uma coisa importante para mostrar, ia pro Beco das Garrafas. Que eu saiba, a única comediante que se apresentou por lá foi Consuelo Leandro. Eu nunca me apresentei, mas toda noite de sexta-feira eu terminava meu show em São Paulo, que era ao vivo, pegava o corujão das 22 horas, chegava ao Rio de Janeiro e ia direto pro Beco das Garrafas. Ficava por ali um pouco e depois ia pra casa. Era sagrado. Encontrava todo mundo lá. Era assim: a gente saía de um bar e entrava em outro. Eu saía muito de noite. Naquela época, eu e o Jacques saíamos muito. Tenho até hoje aquela animação de sons e gente na minha lembrança.



Com Irma Alvarez e Zélia Hoffman

Capítulo XIX

Jangada da Paz

Eu e Consuelo Leandro apresentamos um programa na TV Tupi de Recife chamado *Tô Aí*. A Consuelo tinha os textos dela, escritos pelo Mário Meira Guimarães, e eu tinha os meus, criados pelo Marcos César. Nós bolávamos nosso show dentro do avião, no trajeto Rio-Recife. Fazíamos entrevistas, a gente deixava o entrevistado falar à vontade. Tínhamos à nossa disposição um conjunto musical muito bom, porque em Recife há músicos excelentes. A Consuelo foi logo botando neles o nome de Os Odoricos Boys. No começo, eles ficavam de fora, a gente que fez os Odoricos entrarem em cena. O show era muito engraçado, eu cantava em cima do piano, a gente fazia coisas que até Deus duvidava. Recebemos no programa todas essas pessoas que eram de lá e que depois vieram pra cá e ficaram famosas no Brasil todo, como Renato Aragão, Arlete Salles, Lúcio Mauro, Zé Santa Cruz... Eles convidavam a gente pra umas comilanças de lá. Menino, era um deboche!

103

Um dia, entramos num táxi, a gente ria tanto, dizia tanta besteira, o motorista entrou na da gente, não olhava pra frente e atropelou uma

carrocinha de xaxado, um sorvete de lá, pode? O cara estava mais sem rumo do que bosta n'água. Eu aproveitava essas idas a Recife para andar de jangada. Quase toda manhã eu navegava. Podiam me procurar que não me achavam. Eu AMO jangada. Ia eu e o Zé do Lenço, o dono da jangada. Eu tinha até conta com o Zé do Lenço. Levava um radinho, botava lá no mastro, senão já era. Íamos pra longe, pra fora dos arrecifes, era aquela paz, aquela coisa, não tinha ninguém me enchendo o saco. E Zé do Lenço, a todo instante: *Olhe, olhe, olhe!* Era uma tartaruga enorme assim ou um golfinho. Meu Deus, era a glória!

Eu e Consuelo também estivemos juntas em Recife quando o Chacrinha foi fazer seu programa lá, ao vivo. Ele me convidou para ser jurada e eu pedi que convidasse Consuelo e ela também foi.



Ensaio atrás de um telão para um balé de sombras, na TV Rio

Capítulo XX

Amigos de Luxo

Eu era amicíssima do costureiro Dener. Hoje se diz estilista, naquela época era costureiro mesmo e era muito chique. Eu me lembro dele quase que de calça curta. Eu o conheci não sei o dia, nem a hora, nem como foi. A gente se esbarrou aqui pelo Posto 6, no Rio de Janeiro, e ficamos amigos. Ele era garoto ainda, fazia croquis para mim, começou a frequentar minha casa e tudo. Daí, Dener foi pra São Paulo. Começou a trabalhar com a Maria Augusta Dias Teixeira, dona da boutique Scarlet, na rua Barão de Itapetininga, que era assim o máximo dos máximos. Desfilei pra ela também.

107

Eu praticamente só usava roupas desenhadas pelo Dener. Ele era único. Ele sabia que o chique é simples. Basta um toque. Não são como aquelas coisas que a gente vê em *Caras*, aquelas fulanas cheias de babados, loiras inteiras de amarelo, parecem um cajá... Ah, um horror! Dener não. Era outro nível. Anos depois, fui fazer um show numa boate gay de São Paulo e ele veio me assistir. Já estava meio doente. Ele ainda veio ao Rio para trabalhar como jurado do programa Flávio Cavalcanti e morreu muito novo.

Não sei se foi o Dener que inventou esse negócio de mulher-bicha. Dizem que sou mulher-bicha. Falam isso porque sou meio afrescalhada. Dizem assim: *Ah, você é mulher-bicha porque fala mole.* Eu não falo mole, falo normal. Se as pessoas são apressadas o problema é delas. Por exemplo, se eu tenho um texto que precisa ser muito rápido, tenho de decorar mil vezes porque tenho dificuldade de falar feito locomotiva, entendeu? É uma dificuldade minha. Então esse negócio de mulher-bicha é isso. Vai ver que foi mesmo o Dener que inventou essa expressão. Ele era muito engraçado e criativo. Coisa de gênio.

Depois conheci o Clodovil. Ele ficou muito, muito meu amigo. Dei várias entrevistas pro Clô na televisão. A gente ria, ficávamos às gargalhadas e ninguém sabia por quê. Gostava muito dele. Achava o Clodovil uma pessoa maravilhosa. Quando apelava demais e entrava naquela de dar lição de moral, ele cansava um pouco. Mas que entendia de tudo, entendia. Clô entendia de roupa, de decoração, de arranjos, de tudo. Acima de tudo, entendia a mulher.

Capítulo XXI

Além do Arco-Íris

Minha relação com os gays é e sempre foi ótima. Eles me adoram. Não sei, acho que se identificam comigo e gostariam de ser a mulher que eu sou. Tem uns que dizem que sou a bicha perfeita porque até filho eu tenho. A minha maneira de falar arrastada, de levar as coisas com um humor mordaz que só as bichas entendem. Você sabe, bicha pega a coisa assim no ar, nas entrelinhas, tudo isso encanta os gays. Não sei, acho que tenho algum tipo de ímã, porque sempre atraí os gays e isso só me deixa feliz.

109

Eu me bato contra o preconceito e a idiotice de gente que acha que homossexualismo é doença. A igreja que se mete em coisa que não entende e esses cultos evangélicos prometem cura. Isso é uma ignorância. Falando no plano espiritual, todo mundo vem com genes masculinos e femininos. Alguns homens vêm com genes femininos mais pronunciados e vice-versa no caso das mulheres. Como se fosse uma mulher num invólucro de homem. Há aqueles que dizem que um psicólogo resolve. Resolve nada. Não é doença mental também. Gays não são anormais. Anormal é o filho da puta que mata a mãe a machadinha, é

padre que come os menininhos e a Igreja não faz nada, só muda o safado pra outra escola pra ele ter novos menininhos pra comer. Isso, sim, é anormal. Pedofilia, sim, é doença.

Boa parte de meus amigos é gay, por isso não estou aqui levantando bandeira, digo essas coisas porque eu os conheço bem. Como em qualquer meio, há gays gente boa e gays que não prestam, porque antes de ser gay ou não, em todo lugar tem gente boa e gente mau-caráter, e isso independe da sexualidade. Mas isso é outra coisa. Sempre recebi muito carinho dos gays, a vida toda. Fui eleita Rainha Gay uma vez, em São Paulo, não me lembro se foi em 1994. Foi uma homenagem muito bonita, que me deixou honrada.

Clodovil dizia que câncer e *viado* só dão na casa do vizinho. Antigamente não tinha a abertura que tem hoje. Todo mundo ficava dentro do armário. O pai escolhia a profissão do homem, que ia ser advogado, médico, engenheiro. Perante a sociedade, ele precisava mostrar que era macho, tinha de casar com uma mulher e ter filho. Não vivia a vida dele. E vivia uma mentira. Alguns chegavam a se suicidar porque muitos pais não aceitavam, botavam pra fora de casa. Uma vez me perguntaram o que eu faria se tivesse um filho gay. Ora, o que toda mãe faz com um filho.



Rainha dos gays, com muito orgulho!

Seria meu filho, eu entenderia muito bem. Sou espiritualizada e entendo essas coisas. Há pessoas boas e filhas da puta. Vale para todo mundo. Eu só tenho a agradecer aos gays. Tudo o que eles fazem pra mim me deixa não só agradecida como sensibilizada. AAAMO os gays!

Capítulo XXII

Minha Fé

Não vou fazer aqui apologia de alguma religião nem de coisa nenhuma. Acho que existe uma Força Suprema que a gente tem de acreditar. Pode-se dar o nome que quiser, mas que existe, existe! Não gosto de religiões onde tudo é pecado, com um Deus vingativo, não, não é assim. Não tem na Bíblia um versículo, aliás, é o menor, que diz que Deus é amor? Então, o amor não é ruim, é uma coisa boa. Eu acredito que existe uma Força Superior e eu quero que isso esteja em mim e comigo. Faço minhas preces, mas não sou carola, não sou essas irmãs Paula que ficam batendo bumbo por aí. Deeeus me livre! O que eu acho é isso. Não penso em Deus ou num ser superior só quando estou na pior, não. Apesar dessa minha aparência airoso, sou uma pessoa de muita fé. Minha religião faço à minha moda. Não é comodismo. Faço as coisas que eu acho que estão certas e não o que me impõem.

113

Eu acho o catolicismo uma empulhação. A maior parte do Velho e do Novo Testamento são fábulas. Não vem me botar goela a baixo que Adão e Eva existiram porque não dá pé. Inventaram até mandamentos novos, que não estão na Bíblia. Eu

respeito os santos porque devem ter sido pessoas com alma muito boa. Agora, veja só, desde as Cruzadas que todo fanatismo dá em merda. Até hoje a maioria das brigas entre os países é por religião. Ou, pelo menos, a desculpa é essa. Os católicos tiveram que abrir muito por causa desse pessoal que se diz evangélico. Ora, evangélicos somos todos nós desde que se leia o Evangelho, tudo parte dele.

114

Eu fui batizada na Igreja Católica, mas lá tem muita mentira, tudo é pecado. Eu estudei num colégio de freiras no Arpoador e me expulsaram. Uma vez, estava voltando para casa com uma colega que morava no mesmo edifício que eu. As duas de uniforme, livros e tudo. Aí meu primo e um amigo, que vinham da praia de bicicleta, viram a gente e ofereceram carona. Subimos na garupa e fomos. Resultado: no dia seguinte fui expulsa porque estava com uniforme da escola na garupa de um garoto. Quer dizer, veem maldade em tudo. Isso eu acho até meio baixo.

Já esses evangélicos são fanáticos. Primeiro, fazem lavagem mental e se a pessoa é fraca, cai na cilada... Menino, nem te conto. Uma vez, na praia, vi uma mulher que andava sozinha, parecia uma doida porque só falava em Jesus... Jesus isso, Jesus aquilo, Jesus não sei quê. Coitada, devia ser fraca do miolo e pirou com a lavagem

mental que fizeram nela. Muito perigoso isso. Fanatismo é um horror. Tanta gente que mata dizendo que ouviu a voz de Deus mandar. Pô, tira Deus disso, né? Não suporto fanatismo. Para ser pastor é preciso estudar muita Teologia. Não é abrir uma igreja e sair falando o que dá na cabeça para arrancar dinheiro de pessoas que estão sofrendo. O sujeito vem, mistura Jesus com Genésio, chama urubu de meu louro, não tem estudo suficiente, pega uma gente ignorante e tome fanatismo. E ainda tem jogador de futebol que dá uma fortuna em dízimo para esses pilantras. Ah, dão de coração, dizem. Estão é colaborando com a contravenção, isso sim.

Capítulo XXIII

No Caminho de São Jorge

Quando estive na Grécia, quis entrar na Igreja de São Jorge, que ficava num outeiro, tudo branquinho, uma graça. Meu pai se chamava Jorge, meu sogro também, então cismeiei que tinha de acender uma vela lá. A Consuelo Leandro vivia me lembrando quando chegava o dia de *Jorgete*, como a gente chamava o santo na intimidade. Imagina se eu ia entrar na igreja dele sem acender uma vela. Como eu disse, faço minha religião à minha maneira. Se quiser acender uma vela para a alma de alguém, se achar que aquela luzinha vai encaminhar esse alguém para encontrar a Luz Maior, vou, acendo e pronto. Entrei na igreja e assisti a um batizado que estava acontecendo. Depois fui lá acender a vela. Fiquei ali, concentrada, oferecendo a vela pra São Jorge. Menino, no que eu fiquei assim, veio um sujeito e *puft...* Tirou a vela da minha mão... Eu parei, botei as duas mãos na cadeira, arriei a trouxa e num bom português disse: *O quêêê?* Ele parou e ficou olhando pra mim. Daí, falei: *Me dá isso aqui!* Tomei a vela de volta, acendi, olhei bem pra cara dele e disse: *Apaga agora!* Ele não devia entender português, mas entendeu muito bem o que eu queria dizer. Fiquei lá

até a vela chegar quase ao final. Não tinha nada pra fazer mesmo. E acredita que já aconteceu a mesma coisa aqui na Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema? Um capuchinho tomou a vela da minha mão porque não era comprada lá. Dei o maior esporro também, só que aí em bom português.

Capítulo XXIV

Inveja é Uma M...

Se existe uma coisa que me dá a maior felicidade na vida é saber que não sou invejosa. Algumas pessoas olham uma coisa da gente e já ficam com inveja. Ah, esse teu colar, não sei quê... Ou nem falam nada. Só olham e secam. Tem gente que bota olho até em planta! Oh, que planta bonita! No dia seguinte, *bloft*, cai tudo. Eu sou uma pessoa feliz porque não tenho inveja. Isso já é uma grande coisa porque o invejoso é infeliz da hora que acorda até a hora que vai dormir. Ele sempre vai ter algum motivo para sentir inveja. O dia está bonito e ele não pode ir à praia porque tem de trabalhar, mas tem quem vá. Sempre vai ter gente mais bonita, mais rica, mais uma porção de coisas... O fato de você não ser invejoso já subiu sei lá quantos andares. Não tenho inveja. Se a pessoa tem uma coisa é porque mereceu. Se eu merecer, também vou ter, mas se eu não merecer, daqui a cinco minutos nem me lembro mais dessa porra e pronto.

119

A inveja é uma coisa do ser humano. Mas cresce mais, o fermento é ainda maior, quando há aquela disputa de egos. Aí se torna uma coisa que pode até matar. Mas quando é assim, sei me

fazer de burra, de ignorante, de quem não está entendendo, mas para me defender. Agora, não sei fazer elogio por elogiar, não sei ser falsa, não sei mesmo. Mesmo quando gosto muito de uma coisa, por mais que eu goste, não sei paparicar ou puxar o saco. Quando eu gosto, digo: *Pô, gostei*. Não me peça para explicar o porquê, gosto e pronto. E quando não gosto uso da mesma franqueza. Ou fica aqui escrito na testa.

Tinha uma coisa que Madame Morineau fazia com muita classe. Por exemplo, se ela via uma peça que era uma merda e era obrigada a cumprimentar os atores no camarim, entrava dizendo: *Não tenho palavras!* Não precisava dizer mais nada. A pessoa que interpretasse como quisesse. Podia não ter palavras para o bem ou para o mal. Não é uma boa saída?

Capítulo XXV

O Taxista Não Era Meu Fã

Não adianta, o humor é minha praia. Não abri mão dele nem depois de ser atropelada por um taxista louco quando eu atravessava a rua para entrar no cabeleireiro. Tudo bem, ele podia não ser meu fã, mas também não precisava me atropelar, não é? O sujeito estava tão enlouquecido que entrou na rua em alta velocidade, veio pra cima de mim e pronto. Fiquei toda quebrada, até hoje estou cheia de pinos, cheia de placas, cheia de tudo. Sofri bastante. E fiquei muito triste porque foi um corte no meu trabalho. Depois de vários anos afastada da TV, estava de volta e bem feliz fazendo a personagem Josefa na novela *Caras & Bocas*, do Walcyr Carrasco. De repente, tudo se complicou.

121

Quinze dias antes do atropelamento, eu tinha perdido minha mãe, que estava perto de fazer 95 anos. Era uma mulher saudável, que se tratava com homeopatia, mas levou um tombo e quebrou o fêmur. Daí foi operada, passou bem, mas um idoso quando é operado tem de tomar um monte de remédios e acho que foi isso o que acabou matando minha mãe. Uma pessoa que só tomava homeopatia e, de uma hora para ou-



*Íris Bruzzi, Pedro Paulo Rangel e Carmen, na época da novela *Belíssima*, da TV Globo*

tra, engole essas bombas que os médicos dão... Bom, a reação não foi das mais gloriosas. Ela teve uma pneumonia e total: Deus levou. No dia seguinte, cinco e meia da manhã, o carro da TV Globo veio me buscar para a gravação. Cheguei no estúdio após uma noite em claro para gravar não sei quantas cenas. Aí todo mundo me dizia para ir ao enterro. Eu pensei: *Quer saber? Não vou!* Minha presença não mudaria nada. Resolvi trabalhar para me distrair um pouco. Não queria ficar lembrando. Aliás, para mim, minha mãe não morreu, continua em Teresópolis. Ela não está de corpo presente, mas está no meu pensamento.

Poxa, minha mãe morreu no dia 27 de julho de 2009. No dia 11 de agosto aconteceu o acidente comigo. Eu já estava traumatizada com a morte de minha mãe e aí juntou tudo. Foi muito para minha cabeça, por mais iluminada que ela seja. As válvulas começaram a pifar. Fui operada. Fiquei muito tempo imobilizada. Sem contar que sou bem ativa, mas saí do hospital e tive de permanecer em casa durante um mês, com duas enfermeiras cuidando de mim. Não queria ver ninguém, nem falar com ninguém, não atendia ao telefone. Eu me sentia inválida porque era dependente de tudo. Mas havia horas que eu queria ouvir música e dançava sozinha, da cintura pra cima, que era o que dava pra mexer.

Quando pensei que já estava bem, que podia voltar às gravações usando cadeira de rodas, minha perna começou a inchar e senti febre. Tive embolia na perna e no pulmão. Aí vou pra onde? Pro CTI. Mais sofrimento. Quando saí, usava andador, mas logo troquei para bengala canadense. E sempre fazendo fisioterapia. Passei uma fase muito pra dentro assim. Hoje entendendo o que a Hebe passou quando foi internada para se tratar de um câncer. Ela é uma pessoa muito querida e fiquei bem chocada quando soube desse negócio. Porque a Hebe, para mim, é aquela pessoa que está sempre rindo, sempre pra cima, sempre comemorando com uma taça de champanhe. É a imagem da alegria. Aquilo me tocou. Liguei pra Lolita Rodrigues, que eu também gosto muito e é bem chegada à Hebe, para ter notícias, mas ninguém foi visitá-la. Muitos jornalistas criticaram porque Hebe se cobriu de brilhantes e fez cabelo e maquiagem para sair do hospital. Mas claro que ela precisava se maquiar. Se sabia que havia um monte de repórteres esperando na porta para tirar fotografia, Hebe ia estar de qualquer maneira? Tinha mais que se arrumar. Ainda mais ela, que é a imagem da energia positiva e da alegria. As pessoas gostam de botar sempre umas coisas com um sabor amargo para azedar a vida dos outros. E ela deu entrevista dizendo que havia pintado o cabelo,

sim, que havia se penteado e tudo porque queria estar bem para os fãs. Estava certíssima. Eu saí do hospital incógnita, não precisei de nada disso porque não sou a Hebe. Botei um pano na cabeça e vim para casa até poder tomar meu primeiro banho de chuveiro, que foi glorioso.

Nesse tempo todo que passei imobilizada, fiquei muito enclausurada em mim mesma, a porcaria da ficha que estava presa começou a cair. E eu não queria e não vou deixar nunca essa ficha cair. Se tiver que cair, ela cai comigo, aí nós duas vamos ser incineradas, eu e a ficha. Eu emagreci, não comia, não bebia, não dormia. Depois, quando fui pro CTI, tive um negócio, um piti que eu não sei se deu só em mim, se dá em *viado*, ou sei lá o quê. Senti uma dor insuportável, gritei, acordei o andar todo do CTI, nunca tive uma dor assim nem pra parir. Nessa hora, não que eu quisesse morrer, mas estava prestes a jogar a toalha, entende? Eu me sentia sozinha, presa em mil trolhas ali. Ficava o relógio batendo. Pomba, você vê aquela merda passar de minuto a minuto e tu ali, sem comer, sem dormir, enjoada, as veias todas furadas. Antes do raiar do dia, tiraram 50 mil radiografias não sei de quê. Afinal de contas, estava lá pra isso e eu calada.

Quando saí da CTI, minha filha voltou a ficar comigo. Daí eu soube que tinha tido um enfarte

da pleura. Já ouviu falar nisso? Eu nunca ouvi. Eu tive. Com uma merda dessa era pra matar, não é? Mas não. Deus tá lá, tá comigo, me segura, eu tenho fé, então ele vai segurar essa ficha para eu ser assim sempre. O importante é você chegar e trazer alegria. Você pode até estar com o texto ruim, inventa uma coisinha em cima e vai levando. Agora, quem já chega com uma nuvem preta, chorando e se arrastando... Meu amor, pode contar que vai cair no buraco e sifu. Não pode se entregar. A gente tem de se agarrar porque a vida não é boa pra todo mundo. Não posso me queixar, embora tenha passado por muita coisa. Mas não sei se esses retardos é Deus que dá. Não me atinge, não me afeta, vou em frente. Essa força, essa fé, essa coisa que eu tenho ninguém consegue tirar. Acho que o humorista que tem isso é um privilegiado. Esse acidente foi um reboleio muito grande na minha vida, na minha cabeça, no meu humor, no meu trabalho. Mas superei tudo, graças a Deus.



Ensaio no estúdio de Valentim

Capítulo XXVI

No Palco da Vida

Engraçado que enquanto essas coisas todas aconteciam comigo, em nenhum momento passou pela minha cabeça a gravidade da situação. Fui para o CTI e jamais pensei que podia morrer. Nunca. Acho que meu Deus é tão bom, que elimina as coisas ruins da minha cabeça, entendeu? Sei que muita gente rezou por mim. A minha igreja toda, a igreja da minha empregada, a igreja de um amigo meu lá da Bahia, meus amigos todos. Aos poucos, fui voltando à vida normal.

129

Voltei a frequentar os lugares que gosto. Eu ando muito pelo Leblon, sou conhecida no bairro. Todas as pessoas vêm falar comigo. Primeiro, comecei a sair de andador. Ainda não podia dirigir, então tomava um táxi, fechava o andador, ou melhor, a trolha, eu chamava o andador de trolha, e botava dentro do taxi. Aí, todas as pessoas me paravam, gente que nunca vi, porque eu entro nas casas delas pela TV. Quando me viam ao vivo e com a trolha, perguntavam: *...E aí, está melhor?* Outros diziam: *Sabe que eu rezei por você?* Essa troca de energia acende as pilhas da minha cabeça, fico numa iluminação

feérica, entendeu? Eu preciso disso. Meu marido diz assim: *Parece que você precisa de palco o tempo todo*. Preciso. Ele está certíssimo. Preciso mesmo. Essa troca com as pessoas estava me fazendo muita falta, sentia falta de sair. Permaneci muito tempo dentro da minha casca, privada até de movimentos. Quando saí, quis me abastecer dessa energia. No primeiro dia, contei 50 vezes a mesma coisa, falei do atropelamento, do CTI e não sei quê... Olha, voltei para casa outra pessoa. A minha aura iluminava tanto que quase não escurece aquele dia.

Não entro nessa de abaixar minha crista. Não adianta, não abaixa. Isso vem da fé, do interior, de princípios. Às vezes, fico vacilando, duvido um pouco porque sou geminiana. Às vezes, acho bonito um amor e uma cabana; às vezes, posso achar interessante um passeio de Porsche pela Côte d'Azur. Mas nada disso me faz virar a cabeça completamente. Da maneira como eu vivo, não preciso ostentar. Eu sou, não preciso mostrar. Antigamente, no meio artístico, muita gente não tinha cultura, estudo, mas nem por isso deixava de ter talento. Minha mãe dizia que o saber morre com seu dono. Ou seja, a gente sempre pode aprender cada vez mais. O talento não abandona ninguém por causa da idade. Acho ridículo isso de dizer assim, *ah, não*

chama a Carminha porque ela está velha e não sei quê. Sim, estou velha, mas sou imitada. Não posso nem passar trote porque ninguém faz a voz que eu faço. Não é uma voz estudada, sou eu, sou assim, é a minha personalidade. Então, eu acho que o talento morre com seu dono. O fato de estar mais velha não significa que vou deixar de fazer graça, nem que vou deixar de fazer a plateia rir. Porque é o que eu digo, o que vale é a situação em que estou no palco, na novela, onde quer que eu esteja. Eu acho muito importante ter um grande astral.

Eu *A-DO-RO* fazer as compras de casa. Quando desço do carro, vou logo pedindo para o guarda tomar conta. Não que eu seja folgada. É minha maneira de falar: *Olha, você dá uma olhadinha no meu carro, venho já, estou atrasada, vou ao médico...* Faço um monólogo e o guarda toma conta. Na padaria, no mercado, nos lugares que frequento, eu chego e os empregados todos fazem uma festa. Um chega e diz: *Minha querida, beijos.* Quando fiquei em casa por causa do acidente, teve outro que disse: *O que foi que aconteceu que a luz aqui acabou?* A luz que acabou foi porque eu não tinha ido mais lá. Aonde eu vou, vira burburinho. As pessoas acabam rindo e conversando entre si e acaba tudo numa família só.



Um belo estudo de Valentim

Perto de casa tem o Talho Capixaba, que eu adoro ir. Um dia passei lá, pedi um capuchino infantil e entrei na fila para comprar pão francês para o meu marido. Aí já vou conversando com todo mundo. Eles me conhecem, mas eu não conheço ninguém. Estou lá na fila e vem uma pessoa dizendo que me conhecia do Posto 6, quando eu era ainda garota, e ficou falando um monte de coisas para ver se eu me lembrava. Claro que não lembrava. Estou com 70 e tantos anos, minha memória ainda é boa, eu decoro meus textos, tudo bem, mas querer me lembrar de coisas de quando eu tinha 13 anos, pera lá!... Aí, eu não lembrava. E a mulher insistia. E eu, pomba, não lembrava. Aí as pessoas começaram a participar daquilo que já tava dando no saco, me irritando. A mulher falou milhões de vezes e eu não lembrei. Quando ela foi embora, o pessoal começou a conversar comigo. Eu disse, pode? Já faz 500 anos isso e ela acha que eu tinha de lembrar? Aí chegou meu capuchino e quando dei o primeiro gole quase que eu cuspo em todo mundo de tanto rir. Eu lembrei! Olhei pra fila às gargalhadas e disse: agora eu me lembrei! *Quá, quá, quá!* A fila inteira riu junto. Eu e toda a fila tivemos um ataque de riso. Aonde vou logo vira um teatrinho, todo mundo participa. É uma coisa muito engraçada.

Capítulo XXVII

Ficar ou Galinhagem?

As mulheres de hoje não se dão ao respeito, não se dão valor. Veja essa história de *ficar*. Para mim, ficar é verbo. No meu tempo, ficar era galinhagem mesmo, ciscar pra trás, entende? Só mudou o nome. Essas tais celebridades são assim: estão há dois meses com um cara e já saem dizendo nas revistas que encontraram o homem da vida delas. Escrevem o nome do cara no pé, na perna, na bunda e daí a pouco já se separaram e têm de tirar aquela porcaria toda. Existem umas que, se fossem escrever o nome de todos os maridos, o corpo ficaria só letrinha. É um negócio. Pode reparar que tem um grupo de revezamento entre os playboys. Todos já comeram todas e vice-versa. E, com cada um, elas têm um filho. Essas pessoas não sabem que ter filho é coisa muito séria. A mãe é a mesma, mas os filhos têm pai branco, preto, azul, amarelo. É muito desgastante para essas crianças. Vai ter de botar um psicólogo para cada uma. Ah, é muita esculhambação!

135

Minhas fotografias dos anos 1950 e 1960 são sensuais, bonitas e nunca tirei foto pelada... Hoje, as mulheres tiram fotos nuas, mostram o que

querem, quando querem, a hora que querem, para isso vivemos numa democracia. Mas, se eu fosse homem, acho que virava *viado*, sabia? As mulheres estão tão fáceis, tão oferecidas... Muita gente virou bicha porque acha que mulher não tem mais graça. Sempre gostei de moda, de inovar, inventava umas coisas, mas sempre de acordo comigo, não tinha vulgaridade, mesmo fazendo uns lances diferentes e tudo.

136 Durante muito tempo não deu para ir à praia de biquíni porque era uma coisa que juntava gente. Se fosse um baiacu ia juntar gente pra dar porrada, pra tirar da praia. Fora! Felizmente, não era o meu caso. Uma vez, eu morava no Leblon e fui à praia. Levei toda aquela parafernália, barraca, toalha, cachorro, não sei quê... Botei tudo lá na areia, tirei a saída de praia e fiquei de biquíni. Não tava de peito de fora, nem bunda de fora, nada. Naquele tempo, se você quisesse mostrar a bunda tinha de abaixar o biquíni, não era como hoje, que se você quer ver o biquíni tem de abrir a bunda. Menino, juntou gente, foi um escândalo. E bem aqui no Leblon, em frente à Avenida Bartolomeu Mitri. Bom, eu me vesti toda, fechei a barraca, enrolei a toalha, peguei o cachorro e vim embora. E pensar que não faz tanto tempo assim. Quer dizer, fazer... faz, mas veja como são as coisas...



Ensaio no estúdio de Valentim

Capítulo XXVIII

As Certinhas do Lalau

De 1954 a 1968, o Sérgio Porto, que escrevia sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, publicou no jornal *Última Hora* e na revista *Mundo Ilustrado* a lista das Certinhas do Lalau. Eram mulheres deslumbrantes, todas ainda muito novinhas, como Íris Bruzzi, Elizabeth Gasper, Rose Rondelli, Eloína, Míriam Pérsia, Betty Faria, Irmãs Marinho, Norma Bengell, Brigitte Blair e outras. Eu fui eleita várias vezes e aí ele me botou como *hour concour* até o fim da publicação.

Não era para se chamar As Certinhas. A coisa começou assim: o colunista Jacinto de Thormes publicava na revista *Manchete* a lista das 10 mulheres mais bem-vestidas do ano. O Sérgio, que era muito gaiato e adorava uma provocação, parodiou o Jacinto e inventou As 10 Mulheres mais Bem-Despidas do Ano, uma lista de boazudas, como se dizia na época. Daí ele achou o nome um pouco forte e mudou. Parece que as mães de algumas das meninas reclamaram. Sérgio trocou para certinhas, porque eram sempre garotas com tudo em cima.

Ele trabalhou também na TV Rio e escreveu muita coisa para mim. Sérgio tinha um quadro



Sérgio Porto entrevista Carmem, no quadro Stanislaw Ponte Preta de Costas para a Fama do programa Noite de Gala, da TV Rio

dentro do programa *Noite de Gala* chamado *Stanislaw Ponte Preta de Costas para a Fama*, em que ele ficava de costas para a câmera batendo numa máquina de escrever e uma certinha na frente dele. Eu fui a primeira que ele escolheu para entrevistar. Também escreveu um humorístico para a TV Paulista chamado *Miss Campeonato* que era gozadíssimo. Tudo se passava em uma pensão onde moravam torcedores de vários times e eu fazia a Misse Campeonato, que era assediada por todos eles. Cada comediante representava um time. Eu me lembro que o Gólias fazia um torcedor fanático pelo São Paulo Futebol Clube. O programa era escrito aos domingos, depois dos jogos da semana, e ia ao ar às segundas-feiras. Eu fui a primeira Misse Campeonato da televisão, porque depois ele levou o programa para a Rádio Mayrink Veiga e a Misse Campeonato era a Rose Rondelli. Para mim, ele criou o papel de Misse Rio-São Paulo e num desses programas entreguei um prêmio ao Pelé, talvez um dos primeiros prêmios que ele ganhou na vida porque estava começando a carreira de futebolista. Sérgio era um amor de pessoa. Saía muito comigo e o Jacques. Conhecia jazz como ninguém. Tenho até hoje discos de jazz que ele me deu. Era um carioca fantástico. Difícil dizer que havia outro igual. Pode ser parecido, mas igual... Ele tinha tantas facetas! Falava umas

coisas engraçadas. Dizia assim: *A gente vai ao restaurante e pede um galetto ao primo canto. Então, por que não se pode pedir um bode ao primo burro?* Era genial.



O escrete das Certinhas do Lalau (Stanislaw Ponte Preta), em pé: da esquerda para direita, a comediante Suzy Kirby (que não era Certinha!) como treinadora, Gina Le Feu, Eloína, Olívia Marinho, Carmem de goleira, Rose Rondelli e Sônia. Agachadas: Elizabeth Gasper, Norma Marinho, Norma Bengell, Mary Marinho e Sônia Corrêa

Capítulo XXIX

Unhas Feitas

No dia do golpe militar de 1964, que eles dizem que foi revolução, Consuelo Leandro e eu fomos fazer as unhas. Na véspera, o presidente Jango Goulart fez aquele discurso para o pessoal da Marinha e nós estávamos vendo tudo no estúdio da TV Rio e eu disse: *Isso vai dar merda!* E deu.

Eu conhecia muito o Jango porque ele tinha um caso com uma colega minha e alugou um apartamento enorme para ela. Imagine que essa moça teve homens que deram mundos e fundos e a criatura morreu na merda. Como eu estava montando um apartamento, minha colega ofereceu o dela para ficar por uns tempos. O Jango, claro, ia muito lá. Eu conversava bastante com ele, porque minha colega era criançona, ficava tocando tamborim, então ele batia papo comigo... Eu conversava muito com ele, mas nunca pedi empregos públicos, nem pra mim nem pra ninguém, como muita gente pedia, né? Eu não, falava sobre coisas que me interessavam saber, batia papo e tudo.

No dia da tal revolução, ninguém trabalhou, meu marido ficou em casa, foi uma espécie de feriado. Então liguei para a Consuelo e disse; *Bicha, vou*

te pegar pra gente fazer as unhas. Eu tinha uma Vemaguete comprada com meu dinheirinho suado e tudo. Em Copacabana morava a Nádia, uma moça que fazia pé e mão e quando a gente ia pra casa dela até almoçava lá. Mas no meio do caminho tivemos que desviar porque havia barricada na rua. Imagine só, duas comediantes dentro de um carro e um monte de recrutas atrás de sacos de areia e mais uns manés vestidos com roupas do Exército e umas baionetas na mão. Aí, na rua Joaquim Nabuco também tinha barricada. Eles fazendo revolução e nós duas querendo fazer as unhas. Não sabia o que estava acontecendo e perguntei pra um soldado: *O que é isso?* E ele: *É a revolução.* Aí, retruquei: *Acaba com essa merda logo porque eu e minha amiga vamos fazer pé e mão e quando a gente voltar quero ir pra casa com calma, entendeu?* E fomos em frente. Estacionei o carro diante do prédio, ainda podia parar na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Enquanto fazíamos as unhas, víamos a quartelada pela televisão. O pessoal do Forte de Copacabana entrava no ar e falava do perigo comunista. Eu, apavorada, lembrava do carro estacionado lá embaixo do prédio e dizia: *E se os comunistas quebrarem meu carro? Ai, meu Deus, juntei dinheiro pra comprar e se agora eles levam embora?* E a Consuelo: *Calma, bicha, não vão quebrar seu carro!*

Ficamos horas lá, almoçamos, fizemos pé e mão e tudo o que tinha direito. Ligava pra casa e o Jacques perguntava onde eu estava. Eu explicava que estávamos na casa da Nádia, vendo tudo pela televisão. Mamãe também acompanhava os acontecimentos pela TV. Todo mundo preocupado e com medo porque a gente estava na rua. Já era noite quando saímos de lá. Voltamos pela praia e já havia acabado a revolução. Naquela época eu fumava cigarro americano Phillips Morris e os soldados espalhados pelas ruas ficavam pedindo. Escondi o maço e disse pra Consuelo: *Bicha, não dá, não... Que merda! Eles ficam aí atrapalhando o trânsito e agora querem fumar meu cigarro americano? Ah, vai fazer revolução na zona...* Fechamos os vidros e viemos embora. Ahhh... Eu não pedi para acabarem com aquela merda cedo pra voltarmos pra casa? Então, acabaram. Eles ao menos acertaram na data. Revolução no Brasil tem de ser feita mesmo no dia 1º de abril pra ninguém levar a sério.

UM PEQUENINHO NO PROGRAMA DE CARMEN

FOU DE VALENTIM

• Lulu de Fullim está ameaçando tornar-se responsável por um furo de serias consequências para a TV brasileira. Como se não fosse uma mais tempo e atores do que os programas daí. Poderá fazer com que Carmen Verônica deixe de lado a televisão. Se isso acontecer, será a primeira vez que uma importante e conquistada por um pequeno, raça de cachorro tradicionalmente pacata.

— Há muito tempo que venho arremessando despetos com a vida artística — lamenta Carmem. — Estou sendo mal aproveitada em casa onde não posso exibir minhas qualidades: (ex sei que se quiser). É muito desanimador, principalmente para mim, que não sou principiante e conheço bem a profissão. Carmen Verônica tem enfrentado muita oposição para que continue na vida artística.

— Primeiro foram meus pais que não me queriam ver artista. Depois veio meu marido. Mais tarde meus filhos. Agora é o meu cachorro. Resisto a todas as pressões porque tenho inventivo. Mas agora, se a situação não melhorar, deixo tudo de lado e vou ficar. Vou dedicar-me ao lar, à família e à tv. Eu preciso tanto de mim que se não consigo a empregadora quando eu passo dias seguidos no estúdio, sem dar-lhe a atenção que merece.

Pode parecer brincadeira que uma atriz leve a tal ponto o seu desequilíbrio profissional, mas Carmen Verônica não brinca em serviço. Ela está fazendo sério e de uma forma para outra poderá abandonar a TV para se dedicar às coisas que não lhe dá ao ator. Carmem tem ideias muito precisas sobre a carreira.

— A vida de artista é muito sacrificada e é muito comprometida que obriga a fazer aquilo que se dedica a ela que está evoluindo. Chegarei ao ponto em que o problema financeiro não me preocupa mais. Não trabalho por dinheiro, mas por arte. E não acho para que tanto trabalho e tanto desgaste?

Enquanto isso, Lulu de Fullim aguarda o resultado.



Reportagem da revista Cinelândia, ilustrada com foto de Valentim. O texto revela que Carmem está prestes a abandonar a carreira para dedicar mais tempo à cadela Lulu de Fullim

Capítulo XXX

Olhos do Mal

O golpe militar deu início a uma época nojenta. Todo mundo era revistado, qualquer bunda suja – não precisava nem ter estrela no peito – era designado para ficar de olho nos lugares, principalmente na televisão. Eu vinha do Rio de Janeiro e tinha de abrir bolsa para entrar na TV Record, como se eu fosse explodir a casa onde trabalhava e tirava meu sustento. Isso me deixava muito puta. Respondia pros caras, era grossa. Dizia horrores, não sei como não fui presa. A gente ficava com aquela gentinha à nossa volta, que te olhava assim com escrotidão, a maneira de olhar desses caras era agressiva, despiam a gente com os olhos, era assim pior do que quem roda bolsinha na rua. Qualquer artista mulher que entrava no estúdio era olhada assim. Quer o quê? Botam essa gentinha lá e dão poder, já viu, né? Minha vontade era mandar todos eles para aquele lugar, mas não podia. Indiretamente, eu mandei. Não foram porque não quiseram. Não gosto de política, mas não suporto extremismos.

147

Uma vez, eu e Agnaldo Rayol fizemos a *Viúva Alegre*. Era um grande show, uma mistura de filme do Fellini com filme americano. Eu estava

mudando de roupa no camarim e quando olho pra cima tem um sujeito da censura me espiando lá do alto. Saí como uma louca. Chamei Paulinho de Carvalho, que quando me viu tão enlouquecida, perguntou: *O que foi?* Respondi: *O que foi é que eu quero respeito. Tou dentro do camarim e tem esse sujeito olhando pra mim.* Essa foi uma época muito desagradável. Só faltava fazerem buraquinhos nos banheiros. Essa gentilha estava em todos os lugares.

É tudo tão estranho porque, ao mesmo tempo, penso naquela época e me lembro que a gente podia andar pelas ruas do Rio de Janeiro usando joias, ninguém roubava ninguém, não tinha tiro de graça nem bala perdida. No governo do Brizola é que o morro foi tomado pelo pessoal das drogas e virou isso que está aí. O Lacerda acabou com a favela e fez a Vila Kennedy. As pessoas ganharam casa, não sei se pagaram, sei que a maior parte vendeu porque queria ficar aqui pelo Leblon. A vista é maravilhosa mesmo por aqui, eu pago caro pela minha vista, eles não pagam nada, mas o barraco deles desaba quando chove. É uma pena porque vou morrer antes de ver mais respeito e justiça para nossa gente.

Capítulo XXXI

Era de Ouro da TV Record

A TV Record de São Paulo foi minha paixão, minha vida. Foi lá que recebi o troféu Roquette Pinto, meu primeiro prêmio importante, como a melhor comediante do ano. Eu já trabalhava na TV Rio há muito tempo, onde eu cantava e dançava. Na Record, trabalhei muito com Golias e todos os humoristas da casa. Era uma família, como aqui na TV Rio também era. Quando muita gente debandou para a TV Excelsior, eu fiquei. Se eu fosse, não poderia trabalhar na TV Rio nem na TV Record ao mesmo tempo, havia essa liberdade porque os donos eram meio parentes. Fiquei nas duas.

149

Na Record eu fiz de tudo. Participava de tudo o que era produzido pela Equipe A, integrada por Manuel Carlos, Nilton Travesso, Raul Duarte e Tuta de Carvalho, que ficou responsável pelos principais programas da emissora. Participei de várias edições do *Show do Dia 7*, que era exibido no dia 7 de cada mês, e de *Família Trapo*, programa de humor com Ronald Golias, Otelo Zeloni, Renata Fronzi, Jô Soares, entre outros. O Canal 7 ficou com um excepcional elenco de comediantes, então havia não sei quantos pro-



Com Ronald Golias no programa Família Trapo, da TV Record, São Paulo

gramas de humor na grade. Um que sobreviveu até hoje, mas que tinha outro formato na época, foi *A Praça da Alegria*, que também fiz. Mas tinha muitos outros, como *Você é o Detetive*, que era *hiiiiilário*!

Além da Equipe A, havia outras equipes de direção e eu trabalhava com *todas*. Era chamada para tudo. Todo mundo gostava de mim, era muito querida mesmo. Fui para a TV Record com o Abelardo Figueiredo. Ele montou um show que hoje faz parte da história porque foi o primeiro programa transmitido direto entre o Rio de Janeiro e São Paulo pela TV Record e a TV Rio. Foi o primeiro link de televisão. O programa chamava-se *Show 713*. Era o 7 do Canal 7 da TV Record e o 13 do Canal 13 da TV Rio. O programa era comandado pela Márcia de Windsor, Zélia Hoffman, Íris Bruzzi e eu. Nós *costurávamos* todo o programa, além de participar de esquetes e números musicais. Tinha tudo, humor, balé, música, notícias... Eu li o roteiro do primeiro programa e disse assim: *Isso tá uma merda*. No segundo programa, como a gente ficava em um hotel, chamei todo mundo no meu quarto e escrevi novas falas pra nós. O cara que escrevia o programa não gostou. Graças a Deus que não gostou, porque aí o Marcos César passou a escrever o show e a coisa estourou no Norte, como se diz. Ele escrevia

um negócio, punha reticências e eu continuava, entendeu? Eu me lembro de um esquete em que tomava um banho de piscina e quase morri gelada porque a água era muito fria. Eu fazia uma princesa que vivia numa ilha e que não podia se apaixonar por ninguém senão o vulcão que havia lá explodia. Eis que um comandante de um navio, interpretado pelo ator Carlos Zara, chega à ilha e me vê lá tomando banho. Saio da água quase congelada e, claro, me apaixono e vou embora da ilha com o comandante. Na mesma hora, o vulcão entra em erupção e arrasa tudo. Eu já fazia algumas coisas na Record, mas depois do Show 713 fui contratada. Fiquei até o final da TV Record, como fiquei até o final da TV Rio. Fui fiel às duas, e posso dizer que foi uma fase muito legal.



À vontade, em casa, no Rio

Capítulo XXXII

Homenagem Póstuma

Quando ganhei o Roquette Pinto, era praxe todo mundo fazer um agradecimento, tipo Oscar. Eu não ia dizer aquele negócio de obrigada mamãe, obrigada papai, não ia pagar esse mico, ah, não. Ou então dizer: *Meu querido público, esse prêmio é de vocês!* Não, o prêmio era meu. Mas queria dizer alguma coisa. Aí o diretor Hélio Ansaldo falou que não podia agradecer. Quando chegou a minha hora, o Blota Júnior e a Sônia Ribeiro, que eram os mestres de cerimônia da entrega, me apresentaram como a *estonteante* não sei quê. Realmente, eu estava um desbunde. Entrei lindíssima, superelegante.

155

O Blota me deu o prêmio e eu fiz o seguinte discurso: *Avisaram que não podia dizer nada, mas vou dizer uma coisinha rápida. Depois de 12 anos de casa, se não recebesse esse prêmio, seria homenagem póstuma. Muito obrigada.* E fui embora com meu prêmio. O Dener bateu palmas. Eu tinha um amigo que não era meu secretário, mas era quase, porque estava sempre comigo e eu o punha de espia pra ver se tinham me aplaudido. Porque no palco a gente não tem muita noção do que acontece. Fazia de safadeza,

porque nunca liguei muito pra isso. Mas o que eu disse repercutiu demais.

O Roquette Pinto foi um prêmio que me marcou bastante. Naquela época, a TV Record era uma coisa de família, o doutor Paulo Machado de Carvalho cumprimentava todo mundo. Tínhamos o mesmo respeito por parte dos filhos, o Antônio Augusto, o Tuta, que integrava a Equipe A, o Alfredinho, que cuidava da parte comercial, e o Paulinho Machado Filho, que era o diretor da emissora. Nunca pedi licença pra entrar na sala dele, sempre nos recebia muito bem. Na Record todo mundo tinha sua dignidade, ninguém era melhor que ninguém. Podia-se ter o ego do tamanho que quisesse, mas nos éramos tratados iguais, nunca me senti diferenciada em termos de tratamento. Vou sempre me lembrar com carinho da TV Record e da TV Rio, embora tenha trabalhado também na TV Tupi, do Rio, de São Paulo e de Recife, na TV Continental, do Rio de Janeiro, e na TV Jornal do Comércio, de Recife.

Capítulo XXXIII

Pau Pra Toda Obra

Eu era chamada pra tudo. Estava faltando animação no programa da Hebe? Chama a Carminha. Fiz o programa *Dia D*, da Cidinha Campos. Estava em todas. Só não fiz *Alianças para o Sucesso*, que reunia casais, porque meu marido não gosta de aparecer e não quis participar. Teve um *Show do Dia 7* em que eu fiz a avó do Chapeuzinho Vermelho. O texto era do Jô Soares. A princípio, não seria eu a avó. A Hebe Camargo é que estava escalada para o papel, mas ela não quis fazer não sei bem a razão. Perguntaram se eu queria ficar com o papel e aceitei.

157

Necessariamente, eu não precisava fazer uma velha, então entrei em cena com aquele meu cabelão, uma blusa transparente preta que dei um nó na altura do umbigo, uma saia feita com dois lenços italianos que eu juntei e deixei uma abertura do lado até o meio da coxa, e uma piteira desse tamanho, porque naquela época eu fumava. Essa era a avó do Chapeuzinho! O cantor Wilson Simonal fazia o Lobo Mau e a cantora Vanusa era a própria Chapeuzinho Vermelho. Eu falava um texto, dizendo que não podia estar ali naquela hora e não sei quê, mas que minha

neta Chapéu havia me pedido não sei que lá e *papapá...* E então falava uma porção de coisas que agora não estou lembrada. Parece que eu havia dado uma festa no dia anterior e chamava pelo telefone um empregado para limpar a casa. A coisa já começava assim. O Simonal tinha de entrar de motocicleta, mas o motor não pegou na hora e então ele entrou arrastando a trolha. Eu não rio em cena, não. Fico na minha. Aí, ele entrou empurrando aquele negócio, eu olhei bem pra cara dele e disse assim de improviso: *Não tem dinheiro nem pra mandar consertar?* O Simonal desatou a rir que não parava. Ele tinha que dizer as falas dele e não conseguia dizer nada. Fui inventando. Olhei pra ele de novo e disse: *Eu ligo pra agência me mandar uma cambona e eles me mandam um cambono. Não tem importância... Você sabe fazer isso e mais aquilo?* O Simonal ria o tempo todo e quando conseguia responder alguma coisa era às gargalhadas. Eu segui em frente: *Ah, quer saber de uma coisa? Vá já lá pro tanque lavar roupa!*

Olha, eu fiz tudo na Record, era pau pra toda obra, só não varri o chão, mas artisticamente participei de tudo. Eu me lembro de uma vez, no programa *Esta Noite se Improvisa*, que nossa equipe de mímica ganhou. A gente ria tanto... Tínhamos que adivinhar o nome do filme só

fazendo mímica. Eu fazia uma *viadagem* tão grande que todo mundo morria de rir, mas ganhámos. Em nossa equipe estavam o Chico Buarque e o diretor Walter Avancini, que já morreu. Ganhamos uma geladeira. Mandamos vender, dividimos o dinheiro e deu uma merreca pra cada um. Também em um programa chamado *Caras e Coroas*, eu, o cantor Agostinho dos Santos e não sei quem mais ganhámos também. Fizemos uma música na hora.

A TV Record foi o auge de musicais como *O Fino da Bossa*, com a Elis Regina e o Jair Rodrigues, o *Bossaudade*, com a Eliseth Cardoso e o Ciro Monteiro, a *Jovem Guarda*, comandada pelo Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. Os festivais de MPB mais importantes rolavam lá. E ainda havia programas como *Corte Rayol Show*, com o humorista Renato Corte Real e o cantor Agnaldo Rayol, *Show em Si... Monal*, do Wilson Simonal. Eram tantos! Foi uma grande fase da televisão. Sem contar as grandes atrações internacionais. Astros como Sarah Vaughan, Charles Aznavour, Marlene Dietrich e Louis Armstrong passaram pelo palco da Record.

Eu me lembro de quando veio o Sammy Davis Jr e, como não havia lugar, sentei no fosso da orquestra junto com os músicos e não podia nem me mexer senão o violino entrava na minha

cara. Quando acabou, saí lá por baixo mesmo e fui ao camarim dele. Bati na porta e disse que queria um autógrafo. Levamos um papinho e o Sammy perguntou qual era o meu nome. Lógico que ele não podia saber quem era eu. Respondi: Carmem Verônica. Aí ele me deu duas fotografias autografadas, uma para Carmem e outra para a Verônica. Pensei: *Pô, o que vou fazer com essas duas fotografias?* Expliquei que aquele era o meu nome todo. Mas ele teve uma saída muito interessante. Disse: *Não tem importância, porque você vale por duas!*

Havia tantos musicais nessa época da Record, que os comediantes estavam sendo pagos e não faziam quase nada. Então começaram a fazer o quê? Novela humorística, que reunia todo o grande elenco de humoristas da casa. A primeira chamava *Quem Bate?*, uma paródia ao seriado *Combate*, que todo mundo assistia na época. Era de morrer de rir. Zeloni fazia um ítalo-americano que queria ir à guerra só pra conhecer a Itália. O querido Adoniran Barbosa interpretava o espião Christian Dior. Eu era a espiã Minuche e me disfarçava tão bem que me vestia de Gigolette, pode? Uma espiã francesa! O Adoniran não precisava decorar nada porque falava comigo com um sotaque tão incompreensível que podia ser francês ou qualquer outra coisa. Vira e mexe, eu

estava com Hitler, vivido pelo excelente humorista Durval de Souza. Nós passeávamos de braços dados, era muito engraçado. A gente mesmo não se aguentava de vontade de rir porque o Marcos César era um monstro sagrado dos roteiros de humor, o que ele escrevia era bom *DE-MA-IS!* Depois ele escreveu outra novela humorística chamada *Ceará contra 007*, dessa vez, a paródia era em cima do filme *Moscou Contra 007*, e a trama toda rolava em torno da descoberta da fórmula do jabá sintético. Jô Soares fazia James Blond. Ronald Golias, Simplicio, Renato Côrte Real, Rony Rios completavam o elenco. Primeiro time em matéria de humor. Nessa novela a Consuelo Leandro era a estrela e eu entrei como uma madame porra-louca e alienada que gostava de dar festas. Então, quando as gangues brigavam, eu entrava dizendo: *Olha, para tudo porque eu vou dar uma festa lá em casa hoje...* Eu era uma rica deslumbrada da sociedade que fazia montes pra que lado estivesse... O que ela queria era dar festa. Sabe que quando quero rir, boto essas cenas porque tem muita coisa antiga que consegui salvar da TV Record.

161

Trabalhei muito com o comico Walter D'Ávila, outro gigante do humor. Fizemos Adão e Eva, dá pra imaginar como era, não é? Uma avacalhação total. Depois, fiz outro Adão e Eva com-

pletamente diferente do primeiro. O Jô Soares era o Adão, a francesinha Jacqueline Myrna era a Eva e eu era a cobra. Eles fizeram um negócio assim pra eu descer, parecia um escorregador, e eu deslizava vestida com uma malha de renda que realçava meu corpo que era um violão... Tudo muito engraçado, o texto desbundante, as roupas lindas, os atores divertidíssimos. Pena que essas coisas tenham se perdido nos vários incêndios que a TV Record sofreu.



Ensaio no estúdio de Valentim

Capítulo XXXIV

Te contei, Não?

O comediante Chocolate tinha um programa na TV Record chamado *Chocolate e seus Bombons*. Era só ele de homem. Os bombons, lógico, éramos nós, as atrizes. Eu fazia um quadro com Chocolate que era assim: ele interpretava um presidiário e eu era a mulher dele e ia visitá-lo, chegava toda airoso e contava umas histórias, que eu tinha vindo de carro, não sei quê. E ele perguntava: *Carro? Desde quando temos carro?* E eu respondia com o bordão: *Te contei, não?* E inventava uma história, dizia que as tampinhas de Coca-Cola estavam dando Mercedes-Benz de brinde, coisas assim. Esse bordão eu roubei do Chico Anísio, que fazia um personagem que dizia isso, mas em outro contexto. Foi a única coisa que roubei na vida, mas eu usava da minha maneira. Depois, eu e o comediante Antônio Carlos, o Tuneca, fazíamos um casal no programa *Praça da Alegria*, do Manoel de Nobrega. A estrutura era a mesma. Eu sempre tinha um primo que me dava coisas, joias, casacos de pele e tal. Ele queria saber que primo era aquele e eu perguntava: *Te contei, não?* O público vinha abaixo só de eu fazer a pergunta. Chocolate foi também um grande compositor. É o autor de clássicos como *Canção de Amor*, gravada por Eliseth Cardoso, e *Vida de Bailarina*, sucesso de Ângela Maria.



Ensaio de Valentim

Capítulo XXXV

A Garça Grávida

Eu vivia voando de um lugar pra outro, do Rio pra São Paulo, de São Paulo pra Belo Horizonte, de Belo Horizonte pra Recife. Uma loucura. Mas eu gostava de viajar na cabine, que é muito mais interessante, ia conversando com o piloto, com o copiloto. Fiz amizade com vários comandantes. Quando o Caravelle estava para vir ao Brasil, eles precisaram ir a Toulouse, na França, para fazer um curso na Sud Aviation, e um deles acabou jantando na casa da minha sogra, que morava lá. Então, era assim... Uma intimidade total.

167

Com esse negócio de viajar na cabine, eu aprendi a fazer o *check in* do avião. Daí eu falava: *Esse altímetro não está igual àquele*. O piloto me mandava calar a boca e não me meter, mas sempre eu me metia, sim. Quem está lá atrás não tá sabendo o que está acontecendo. Outra vez, vim de Recife na cabine. Naquela época, eu ainda fumava, sentei numa cadeirinha atrás do comandante e desatei a falar. Quando tá tudo bem, o piloto liga no automático e tal. Daí comecei a sacar um negócio tenso. Aí, eles falavam umas coisas, mas eu sabia os códigos e falei: *Ihhh!* Sabe o que era? Estavam perdendo

combustível e não sabiam como resolver. Eles mesmos estavam pedindo a Deus pra chegar logo no Rio. Desci do avião como um índio porque botei todos os patuás em cima de mim. O Jacques veio me pegar no aeroporto e eu nem falava de tão traumatizada.

168 Numa outra viagem aérea, também vindo de Recife, cheguei ao Rio de Janeiro e era assistência, carro de bombeiro, uma porção de coisas na pista cercando o avião. Dois motores não estavam funcionando. O pessoal lá atrás não sabia, mas eu sabia. Chegamos aqui de noite, mas viemos beirando o rio São Francisco porque qualquer coisa a gente pousava na praia, entendeu? contei a aventura pra Consuelo Leandro e ela disse: *Puxa, e eu não estava nesse avião pra tirar fotografia!*

Nessas viagens a Recife acontecia de tudo. Eu me lembro especialmente de uma, quando fomos inaugurar a TV Jornal do Comércio. Era a primeira vez que eu voltava a Recife desde que havia saído de lá ainda menina. Pegamos o avião depois de fazer nosso show na TV Record, numa sexta-feira à noite. Era um elenco enorme: eu, meu compadre Luiz Delfino, Pagano Sobrinho, Lyris Castellani, Márcia de Windsor, Zélia Hoffman, o corpo de balé, uma multidão. O apelido do avião era Garça Grávida, porque era uma

aeronave bojuda, um treco esquisito à beça. Quando eu e Luiz Delfino embarcamos, vimos um baita buraco. Como havia só dois cobertores a bordo, disse ao Delfino: *Pega um pra você e outro pra mim porque com um buraco desses está na cara que vai esfriar durante o voo.* Pra se ter uma ideia do negócio, estourou o tímpano de uma das bailarinas. Paramos em Salvador, porque eles iam pousando até em campo de futebol, e finalmente chegamos a Recife.

Nunca me esqueci do Grande Hotel, onde ficamos. Eu disse: *Vocês têm certeza de que Cabral, quando descobriu o Brasil, não ficou hospedado aqui?* Não tinha lugar nem pra Zélia nem pra mim. Rolava uma convenção de médicos na cidade e estava tudo lotado. Sentamos na escadaria, morrendo de sono e cansaço. A sorte foi que encontrei uma médica que eu conhecia do Leblon e ela cedeu o quarto do filho pra nós. A gente estava podre de cansada, mas não fui dormir. Como estava voltando a Recife pela primeira vez após tantos anos, corri para o mercado e comprei tudo que era fruta que eu comia em criança. Menino, comprei pitomba, pinha, sapoti, carambola, tudo o que se possa imaginar. Levei pro hotel e baixou um Cosme e Damião em mim: comi cusbindo o caroço, como eu fazia em menina. Sujei o quarto inteiro.

Nossa, a gente viajava tanto! Os meninos da tripulação geralmente eram bichas e então dançávamos canção lá atrás, contávamos piada, a gente se divertia mesmo. Pegávamos uns voos São Paulo-Rio da Cruzeiro do Sul que vinham da Argentina, que tinha caviar, champanhe e os meninos guardavam pra nós. Eu me lembro que o Electra era praticamente o voo dos artistas. Eu vivia viajando com estrelas como o cantor Ivon Cury, eu me dava muito com ele, quando nos juntávamos era uma coisa, o que a gente ria! Um desses Electra tinha um negócio assim atrás que parecia uma sala de visitas e todo mundo se reunia ali. Uma vez, o Golias disse assim: *Tomara que essa merda de avião não caia porque tem um monte de artistas aqui dentro e vão botar no jornal que morreram os astros fulano, beltrano e outros. Vou ficar no meio dos outros e não quero não.* Olha, era uma festa!

Capítulo XXXVI

Segredos de Coxia

Toda pessoa que trabalha em teatro, boate ou televisão tem histórias de bastidores que geralmente são mais engraçadas do que aquilo que o público vê ou vai pro ar. A Consuelo Leandro, que tinha uma imaginação muito fértil, criava uns personagens. Era o caso da barata Genoveva, que usava cílios postiços, pintava as unhas, usava meia rendada, fazia e acontecia. Inventava mil histórias com a Genoveva e todo elenco se matava de rir. Quando alguém via uma barata no camarim já anunciava: *É a Genoveva!* Havia também o rato Rochester. Trabalhávamos no Teatro de Alumínio, que ficava no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Ali, no inverno, era a Sibéria, e no verão o clima era senegalês. A gente tinha essa batida, vivíamos numa correria de horários e shows, então comprávamos coisas numa doceria e levávamos para o camarim para comer nos intervalos. Uma vez, quando vou pegar meu lanche, só tinha o embrulho. Coisa de Rochester, o rato, claro... Ele roubava nossas coisas e ia comer sei lá onde. Um dia muito triste foi quando a Consuelo deixou um copo com um resto de vitamina de abacate por lá. Não sei se Rochester estava deprimido ou o que foi, só sei que num gesto desesperado ele se suicidou no copo de vitamina. A Consuelo chamou

todo mundo para ver o pobre Rochester morto. Essas palhaçadas dentro da nossa rotina cansativa de ensaios, de decorar textos e não sei quê, era uma vida à parte que nos ajudava a relaxar. Não satisfeitos com os personagens que tínhamos de interpretar, a gente criava mais personagens num mundo paralelo de fantasia.

No Teatro de Alumínio, eu muitas vezes usei roupas que não cabiam no camarim. Então essas roupas ficavam penduradas no teto, do lado de fora. Era o caso de um biquíni com 117 plumas de avestruz que eu usava para fazer a Reine des Autruches, que com tradução simultânea significa Rainha dos Avestruzes. Sempre havia um bombeiro por lá, cada dia era um diferente. Eu abri a porta do camarim e pedi ajuda para o bombeiro daquela noite para apanhar minha roupa. Só que quando olho para ele, vi que era a cara do ator Jacques Sernas! Quando entrei de volta no camarim, comecei a gritar: *Fogo! Fogo! Fogo! Socooooorro!* Quando trabalhamos com Zilco, aos domingos, em vez de descansar no intervalo entre a matinê e as apresentações da noite, o elenco todo se juntava pra fazer um show pra ele ver. A gente botava o Zilco na plateia, abria a cortina e começava nosso show. Aí tinha as Putermann Sisters e outros números que inventávamos, cada um fazia uma coisa e ele se esbaldava de rir. Veja se tem cabimento, em vez de descansarmos, por-



No Teatro Follies, ao lado de uma pintura de Joselito, feita em minha homenagem

que tínhamos mais duas sessões à noite, a gente preferia se divertir fazendo isso. Não sei se os artistas da nova geração ainda têm amor ao que fazem, à sua arte, ao seu trabalho. A gente tinha. Éramos todos novinhos, cheios de gás e talento.

Num desses espetáculos do Zilco, ri no meio de uma cena. Ele meu deu uma dura homérica por causa disso. Eu estava pronta para entrar em cena e ele me dando bronca e chutando uns saquinhos de areia que seguravam o cenário. Enquanto isso, a Consuelo Leandro e o Joaquim Guimarães faziam uma cortina, como é chamado o número que é feito na frente da cortina enquanto se prepara o outro atrás. Consuelo fazia o filho da lavadeira que ia entregar a roupa limpa e, o Joaquim, com uma peruca de cachinhos, a filha da patroa. Enquanto os dois estavam em cena, o Zilco continuava a esbravejar comigo e a chutar os saquinhos de areia. Quando chutou o último, o cenário todo despencou. A Consuelo pulou no colo do Joaquim e disse: *Menina, vou embora porque sua casa é assombrada!*

A gente tomava aulas de imitação de voz com dona Ester Leão, só que ríamos o tempo inteiro, tudo era motivo pra galhofa, até o sotaque português da professora. A aula acabava sempre em esculhambação. A classe era formada por Agildo Ribeiro, Sônia Mamede, Rubens Correa, Consuelo Leandro, eu... O Agildo nem precisa dizer um texto para fazer graça, ele já é um texto engraçado. Tem dias em que ele está de bom humor e outros em que está insuportável, como acontece com todo mundo, só que ele é mais amiúde. Gosto de Agildo como de um irmão. Eu

é que seria a madrinha do casamento dele com Consuelo, mas se casaram sem minha participação como madrinha. Quando um brigava com o outro sobrava pra mim, sempre foi assim.

Havia um número em que eu cantava com a Sílvia Fernanda, a gente usava aquelas meias rendadas e tudo. Na coxia tinha uma escadinha íngreme e estreita que a gente subia para ficar esperando a vez de entrar em cena. Teve um dia que a Sílvia ficou gripada e eu fui fazer o número sozinha. Então vou, boto minha roupa, subo a escada e quando estou lá esperando, sinto uma coisa passar da parte de trás para a parte da frente do meu maiô. Até que saquei: deve ser a Genoveva querendo roubar a cena. Desci correndo, mandando abrir o maiô e quando abaixo sai um baita baratão. A gente não matava a Genoveva. Mas cheguei sem fôlego para cantar minha música.

175

A gente na TV Rio ficava na plateia esperando e batendo papo enquanto os colegas ensaiavam seu número. Um dia, estava lá uma patota sentada conversando e Brigitte Blair começou a contar uma história. Lá pelas tantas, querendo elogiar uma pessoa, ela lascou: *Ah, fulana de tal é muito versática!* Aquilo caiu assim no meu ouvido como uma bomba e retruquei: *Você disse versática?* Daí, muito indignada, ela respondeu: *Versática, sim! Eu a conheço muito bem!* Então, tá. Não está mais aqui quem falou.



Vestida para matar no filme A Espiã que Entrou em Fria

Capítulo XXXVII

A Espiã que Entrou em Fria

Depois de minha grande performance como figurante da Atlântida Cinematográfica, consegui papéis mais importantes no cinema. Tudo começou a acontecer ao mesmo tempo na minha carreira, teatro de revista, teatro de comédia, cinema e televisão, por isso minha filmografia resume-se a três filmes. O primeiro, lançado em 1959, foi a comédia *Aí Vem a Alegria*, uma produção da Atlântida dirigida por José Cajado Filho, depois substituído por Carlos Manga. Eu fazia Lolita, uma rumbeira cubana, ou sei lá o que ela era, meio vilã, mas muito divertida. Lolita é a estrela de um filme e fica enciumada com a entrada da amadora Marly no elenco, vivida por Sônia Mamede. Lolita bola um plano em conjunto com o noivo traidor de Marly para botar a outra fora das filmagens. Carlos Eiras, Jackson do Pandeiro e Almira também estavam no filme. Um ano depois, veio *Amor para Três*, uma coprodução de Carlos Hugo Christensen, onde eu fazia Estela, a amante de um médico. No elenco, estavam Agildo Ribeiro, Fábio Cardoso, Susana Freire, Jayme Costa e Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, entre outros. Em 1967, rodei *A Espiã que Entrou em Fria*, dirigido por

Sanin Cherques. O título era uma paródia do filme de Martin Ritt, *O Espião que Veio do Frio*, que fez muito sucesso na época. Eu era a espiã Jane Bond, a que entrava em fria. Mas, no fim, consigo desbaratar uma quadrilha internacional que estava de olho na fórmula secreta de um cientista. O elenco era muito bom, formado por Jorge Loredó, Agildo Ribeiro, Zé Santa Cruz e mais uma patota de excelentes comediantes.



*Com Agildo Ribeiro no filme A Espiã que Entrou em Fria,
da Atlântida*

Capítulo XXXVIII

Espelhos Meus

Quando a imprensa me descobriu como comediante, um crítico escreveu: *Vale a pena ver a Lucille Ball brasileira*. Eu gostava muito dela, sempre achei *I Love Lucy* muito engraçado, mas ela não foi uma influência marcante. Esse meu lado de humor era espontâneo, foi surgindo naturalmente. Eu me espelhava mais em Brigitte Bardot, sou fissurada nela até hoje. Quando passei por Saint Tropez, fui até a casa dela, a La Madrague. Usei durante muito tempo um cabelo igual ao de Brigitte e a Norma Bengell também usava. Eu me identifico com ela porque gosto de animais. Brigitte disse que é preciso saber a hora de parar. Ela ficou rica e pôde parar. Enquanto me chamarem, vou continuar trabalhando. Brigitte estava cheia daquilo e resolveu parar, eu não estou. Enquanto eu puder fazer gracinha, vou em frente.

181

Outra que muita gente acha parecida comigo é Sophia Loren, mas não vejo tanta semelhança assim. Não há dúvida de que é uma mulher belíssima. Uma que eu achava uma coisa era a Rita Hayworth. Isso, sim, era uma mulher sexy. Ela fez em *Gilda* o *strip-tease* mais chique e sensual

da história do cinema apenas tirando as luvas. Tudo quanto é bicha é louca por Marylin, mas ela fazia muitas caras e bocas. Não me diz nada. Não precisa disso para ser sensual. Ela talvez tenha chamado a atenção por causa daquela fotografia nua, que hoje está pra lá de superada. Mas eu tenho uma coisa que não é toda estrela que tem. As modelos fazem *book*, mas eu tenho *book* interno. Tenho radiografia de tudo. Preciso acrescentar as radiografias do meu joelho e tornozelo que fiz quando fui atropelada pelo táxi. Ah, quer saber? Eu tenho raios X de tudo, até de unha encravada. Não é qualquer artista que tem um *book* interno tão completo.

Capítulo XXXIX

O Belo Marcello

Em uma de nossas viagens a Paris, eu e Jacques nos hospedamos num hotel em Saint Germain, perto da Place Saint-Sulpice, onde mora a Catherine Deneuve. Cheguei louca para tomar uma xícara de café. Quando entramos, encontramos o ator Marcello Mastroianni na recepção. *Buongiorno, buongiorno* e tudo bem, entramos. Aí fui tomar meu café no restaurante do hotel e lá estava o Marcello às voltas com um salaminho, que ele fatiava com uma faca. Estávamos só nós dois ali. Ele me ofereceu o salame, eu agradeci e entabulamos uma conversa. Eu disse que era brasileira e falamos sobre o filme *Gabriela*, que ele havia acabado de rodar ao lado de Sônia Braga, em Paraty, no Rio de Janeiro. Batemos um bom papo. Marcello me contou que havia conhecido pouco o Rio e que de Paraty tinha uma lembrança boa, que era a caipirinha, e uma lembrança péssima, que eram os mosquitos. Depois, ficou muito amigo meu. Marcello era de uma simplicidade... Encontrava com ele no supermercado, discutíamos preços... Em outra viagem a Paris, encontrei novamente com ele. Eu estava com minha filha e disse assim: *Olha quem tá ali...* E ela: *Oh, meu Deus!* Dessa vez,

Marcello estava com Chiara, a filha dele com Catherine Deneuve. Ele andava pela rua, na maior tranquilidade. Na Europa ninguém tem essas frescuras, cada um vive a sua vida... Aqui tem umas *celebridades* que saem com um monte de seguranças, parece que gostam de mostrar com isso que são importantes... Brasileiro famoso no mundo quem era? Tom Jobim! E ele vivia por aí, tomando chope nos botequins do Leblon. A mesma coisa acontecia com Vinícius de Moraes e Chico Buarque, pessoas conhecidíssimas fora do Brasil. Nunca precisaram desse aparato. Marcello era assim, não tinha nada de estrela, se comportava como uma pessoa comum, nem parecia o grande astro que era.

Capítulo XL

Um Dia no Divã

Pode não acreditar, mas já fiz análise. Fui um dia só no analista, mas fui. Eu estava perto da menopausa, chorava muito, não dormia, a cabeça cheia de coisas. Parei de fumar e isso mexe com tudo. Aí, todo mundo me falava pra ir ao analista. Eu fui. Era uma bichona. Nada contra bicha, mas essa era muito pintosa. Aí ela começou a querer saber de não sei quê. Eu só chorava, chorava, chorava e ela quieta olhando pra minha cara... Olhei pra cara dela e perguntei: *Estou pagando uma nota e você não tem nem lenço de papel aí pra eu enxugar os olhos e assoar o nariz.* E nunca mais voltei. Ficar lá falando coisas, a bicha olhando pra minha cara e eu chorando, ah...

185

Aí fui a um médico de diagnóstico e ele me disse que eu estava com depressão. Receitou um vidrinho pequenininho assim, com uns triangulinhos roxos, como era o nome? Moderol, uma merda dessas... No primeiro dia já tomei o triangulinho, não chorei mais, menino, olha... Foi ótimo. Era o Triângulo do Amor, não o Triângulo das Bermudas. Tem gente que dá entrevista e acha o máximo dizer que faz análise. Ou então diz

assim, só para não parecer um pobre coitado que não pode pagar analista: *Já fiz, mas tive alta!* Esse negócio de dizer que o analista deu alta é muito pra cabeça. Eu tive alta no hospital, depois de colocar pino na perna. Tem tanto analista maluco aí, que não dá conta nem dos problemas dele e vem resolver problemas dos outros... Ah, passa ontem...

Capítulo XLI

Meus Cadelos

Eu amo os animais. O instinto que os bichos têm é uma maravilha. A coisa mais perfeita e mais pura que Deus pôs no mundo foi os animais. A única porcaria que Ele botou, pensando que ia dar certo e não deu, foi o homem. O animal preserva o lugar onde ele come, a floresta, o rio. O homem não, só estraga, destrói, polui. Não suporto ver ninguém maltratando um bicho. Esse negócio de bicho que trabalha em circo, de farra do boi, é de uma maldade ímpar, um absurdo. Quando o toureiro leva uma chifrada, eu torço sempre pelo touro. Enfim, amo os animais.

187

Gosto de cães. Mil vezes um cachorro amigo do que um amigo cachorro. Adoro chegar em casa e ter um rabo que balança pra mim. Não falo cachorro, chamo de *cadelo*. Ao longo da vida, fui dona de vários. Uma época, eu tinha uma pequinês e a bicha que vestia a gente no Monte Carlo, a casa de espetáculos do Carlos Machado, perguntava sempre pra mim: *Como vai a cã?* Então, passei a chamar as caninas meninas de *cãs* e os caninos meninos de *cadelos*.

Eu gosto muito de bicho por várias razões. Primeiro, porque eles são honestos, não precisam



Uma família de cadelos: Lifey, o pai, Lulu, a mãe, e Pookie, o filho ou neto de Carmem, tanto faz

fazer teatrinho ou inventar historinha pra gente. Bicho vai com sua cara ou não vai, ou gosta de você ou te abomina. Se ele precisa avançar, avança. Então, bicho tem muito de mim. Sou franca como eles. Todos os meus *cadelos* de apartamento foram pequineses. Hoje vivo na companhia do Ching Ling II. Como os pequineses desapareceram do Rio de Janeiro, ele veio de um canil de Brasília, mas não tem o vício de esconder dinheiro na meia nem na cueca.

Quando tivemos casa em Búzios, fui dona de uma cã que era uma mistura de boxer com pastor alemão, tinha cara de pastor e corpo de boxer, era grandona e tudo, mas deram bola pra ela, e quem fez isso, nessa altura, já morreu com formiga na boca. Depois, adotei uma que era *doberlata*. Não vou dizer que cachorro meu era vira-lata, porque não quero ofender a família. Ela era uma *doberlata* maravilhosa, tanto que cruzou com rottweiler e teve *rottweilinhos* lindos. Teve duas barrigadas.

Já na fazenda, eu costumava ter pastores-belgas. Lá, construí uma capela com vitral e tudo, que eu desenhei como boa arquiteta que não fui. Todos os meus *cadelinhos* foram enterrados atrás dessa capela. Com tumulozinhos de mármore e lápides com o nome de cada um e uma coisa de saudade escrita embaixo. Como sempre fiz re-



Os tumolozinhos dos queridos cadelos, enterrados na fazenda de Carmem com todas as honras, nomes gravados em lápides de mármore e tudo. Que o deus dos cachorrinhos os abençoe!

ligião à minha moda, acendia velas para todos, porque esses foram meus amigos. Eu acho que quem não gosta de bicho e de planta não presta. Eu AAAMO bicho e AAAMO planta. Tem gente que faz análise... Ora, porra, eu converso com meus cachorros, conto tudo pra eles de graça. Tu vai fazer análise e o cara não te fala nada... E ainda tem de morrer com a maior grana. Não, nada disso! Eu me resolvo com meus *cade/los*. Pelo menos, ganho umas lambidas de lambuja.

Capítulo XLII

Quase Musa

Gosto muito da Tônia Carreiro. Trabalhei com ela, sempre foi uma mulher magnífica. Achei uma falta nem sei se foi de educação, foi falta de tudo, não escolherem Tônia como a brasileira mais linda do século. Claro que deveria ser ela. Não que a vencedora, a Maria Fernanda Cândido, não seja bonita. Mas essa menina começou outro dia. E Tônia? Ela tem uma carreira consolidada, faz parte da história do teatro, do cinema e da televisão do Brasil. Mas é a tal história da falta de memória do brasileiro. Faço questão que isso saia no meu livro, não só porque gosto de Tônia, mas para registrar a injustiça. Mas quem é belo, é belo, meu amor. Isso ninguém pode tirar de Tônia. Os cães ladram e a caravana passa, não é? Caravana, não. A carruagem. Os cães ladram e a carruagem passa. Carruagem é mais chique.

193

Foi Tônia quem me apresentou ao grande pintor Di Cavalcanti. Ela me disse: *Vamos almoçar com Di porque ele quer fazer um retrato seu*. Eu não tinha tempo pra nada, sempre trabalhando muito, aquela correria. E Tônia: *Como não tem tempo, Carmem? É o Di Cavalcanti! Você vai, posa um pouquinho em um dia, depois mais um*

pouco outro dia. Quando Di precisar do quadro para uma exposição, você empresta e depois ele devolve. Eu, de burra, não fui. Deixei de ter um retrato assinado por Di Cavalcanti. Perdi a chance de ser musa de um dos maiores pintores brasileiros. Não tem importância. Importante foi ter conhecido Di.

Tônia Carreiro também me apresentou ao cronista Rubem Braga. Ele acabou se tornando um *graaande* amigo meu, adorava o Rubem. Eu o chamava de Rúbis. Naquela galeria onde fica o Teatro Tereza Raquel, teve um grande lançamento de livros, com vários autores, e cada um escolhia sua madrinha. Rubem escolheu duas, Tônia e eu. E numa hora x chegou o presidente Juscelino Kubitschek, foi uma coisa muito importante.

Capítulo XLIII

Caros Amigos

Consuelo Leandro foi uma grande amiga. Deise Paiva, filha do maestro Vicente Paiva, era outra grande amiga. Estou falando de amigos do meio artístico. Posso dizer que todas as pessoas com quem eu trabalhei foram minhas amigas, tanto homens quanto mulheres. Eu *amaava* o Otelo Zeloni. Amava o Golias. Eu amo o Jô Soares. Agildo Ribeiro é um grande amigo meu. Para mim, todos eles são meus amigos até me provarem o contrário... Uns mais íntimos, outros menos, uns mais chegados à minha casa... A Íris Bruzzi é uma pessoa por quem eu tenho um enorme sentimento de carinho, gosto demais dela, é muito parecida comigo. Ela é muito aberta, quando tem de dizer um negócio, ela diz, se tem de elogiar, elogia, se tem de criticar, critica. Na peça que fizemos juntas, ela vibrava quando batiam palmas pra mim em cena aberta. E vice-versa... A gente se completava em cena. Se tenho inimigos nesse meio, não conheço. Eles ainda precisam se apresentar... Da Tônia Carreiro já falei. Outra que eu amo de paixão, sempre brincamos muito uma com a outra, e que conheci faz tempo, quando ela esperava o filho mais velho, Cláudio, é a Fernanda Montenegro. Há um

monte de porcaria no vídeo, mas tem um pessoal novo muito bom, que se eu ficar citando uns e esquecendo outros é até falta de educação. Mas, por exemplo, eu amo de paixão a Débora Bloch. É uma ótima atriz. Fernandinha Torres nem se fala... Dos homens, o Pedro Paulo Rangel, o Luís Fernando Guimarães, nossa, tem tanta gente boa... A Claudia Raia é uma excelente atriz e é também uma vedete, ela alegre... A Lília Cabral com o talento dela consegue fazer um texto sem consistência de novela parecer Shakespeare, o personagem cresce porque ela é uma excelente atriz... Também gosto da Lília como pessoa, amo de paixão. Acho a Mariza Orth completa, é atriz, comediante, cantora... A Rosa Maria Murtinho, que conheço dos tempos das Cruzadas, fizemos teatro juntas com Silveira Sampaio, é um amor de pessoa.

Capítulo XLIV

Rentrée na TV

Com o fim da TV Rio e a decadência da TV Record, fiquei um tempo afastada da televisão. Cheguei a participar do *Planeta dos Homens*, o humorístico da TV Globo, fiz umas coisas aqui e acolá. Até que o Sílvio de Abreu me convidou para fazer a personagem Xena, na novela *Deus nos Acuda*, em 1992. Aí eu fiz e foi muito bom. Xena popularizou o bordão *oh, céus!*, que ela dizia a toda hora.

Entre uma novela e outra, fiz teatro, estreei *As Tias*, do Mauro Rasi, no Teatro Fernanda Montenegro, no Rio de Janeiro. Em 2005, Sílvio me chamou de novo, dessa vez para fazer *Belíssima*, que foi um negócio assim como a ressurreição de Lázaro. Nunca pensei que, aos 72 anos e depois de um tempo parada, eu voltaria com tanta força. O Sílvio me disse que eu faria uma ex-vedete, *digamos que você mesma*, e para mim foi ótimo. Porque quando a gente trabalha fazendo o que gosta e ainda mais com a liberdade de ser você mesma, nada melhor. Além disso, eu fiz uma dupla com Íris Bruzzi, que é uma pessoa que adoro e que já conhecia dos tempos de Carlos Machado.

Em *Belíssima*, nós fazíamos duas ex-vedetes que no passado eram conhecidas como *Os Furacões de Cuba*. Eu era Mary Montilla e ela era Guida Guevara. As personagens fizeram um sucesso estrondoso. Quando a gente contracenava com alguém do mesmo nível, o barco anda, mas se pega alguém que não dá apoio, seu papel pode ser uma maravilha que não decola. Se pusessem outra atriz no lugar de Íris, talvez a Mary Montilla não tivesse a graça que teve. A Íris e eu fizemos uma dupla muito afiada. Havia um público novo que não me conhecia, então *Belíssima* representou minha *reentré* na televisão.

198

Ah, não posso deixar de contar que fiz uma participação em *Por Amor*, novela de Manoel Carlos, em 1997. Aliás, não fui eu a convidada para atuar, mas o meu *cadelinho* Ching Ling I. Havia uma cena de casamento canino, a noiva era uma pug do escritor Jorge Amado. Meu cachorrinho era todo pretinho, apareceu vestido de noivo, com lacinho borboleta e tudo. Ganhou cachê, eu não. Mas participei da cena também.

Mary Montilla foi um sucesso tão grande que ela reapareceu na novela *Paraíso Tropical*, do Gilberto Braga, em 2007. Foi a primeira vez que aconteceu isso na história da televisão, de um personagem criado por um autor para uma determinada telenovela ressurgir na telenovela

de outro. O Gilberto me ligou perguntando se eu queria fazer uma pequena participação na novela dele. Eu respondi: *Gilberto, em novela sua entrego até telegrama!* Engraçado que não entrei na novela como Carmen Verônica, mas como Mary Montilla. O Sílvio e o Gilberto são muito amigos, não sei de quem partiu a ideia, mas foi uma ideia bem divertida.

Em seguida, participei do seriado humorístico *Toma lá, da cá*, também da TV Globo, que tinha um elenco muito divertido, encabeçado por Arlete Salles, Miguel Falabella, Adriana Esteves, Marisa Orth e Diogo Vilela. Em três episódios, vivi a Leda, que quase virou personagem fixa, mas não continuei porque havia prometido que faria a novela *Caras & Bocas*, do Walcyr Carrasco. Nunca havia trabalhado com ele e achei Walcyr uma pessoa fantástica. Infelizmente, durante a novela aconteceu o acidente que me afastou das gravações por uns meses. Mas consegui me recuperar a tempo de voltar nos últimos capítulos.

Capítulo XLV

Sempre Belíssima

Íris Bruzzi e eu fomos à coletiva de imprensa, lá no Projac, do lançamento de *Belíssima*. Chegamos lá, aquele negócio: um monte de gente, o elenco todo, mil fotógrafos. Sentei e fiquei conversando com a Fernanda Montenegro. Começaram a tirar fotografias e eu, muito educadamente, saí de perto da Fernanda, porque acho que não tem nada a ver ficar se impondo ou se exibindo. Íris e eu ficamos por ali, esperando a imprensa, e não acontecia nada. Todo mundo dando entrevista e nós duas lá jogadas no canto, chutadas pra escanteio. Os fotógrafos passavam por cima da gente, quase arrebetavam as máquinas na nossa cabeça. Fomos ignoradas. Até que eu virei pra Íris e falei: vamos tomar um café e vamos embora.

201

Quando estava perto da estreia, fomos à festa de lançamento de *Belíssima*, em São Paulo. Sempre há umas festas no início e no fim de cada novela. Peguei meu convite, me vesti adequadamente e fui. Supostamente, a pessoa que estava na porta deveria saber que estava trabalhando para um elenco de televisão e deveria saber as pessoas que iriam. Nem precisava de nada mais porque no convite tinha meu nome e meu nome estava na lista. A perua olha para minha cara e

pergunta: você tem algum documento? Ela não era obrigada a me conhecer, mas deveria ao menos saber ler. Se meu nome estava no convite e na lista! Não discuti com a criatura. Dei apenas aquela secada que não seca só pimenteira, seca tudo! Ela botou daquelas pulseiras fajutas no meu braço, que eu detesto, e entrei.

Lá dentro, procurei o Sílvio de Abreu, que estava assediado pelos repórteres, conversei com ele, falei com todo mundo que conhecia, oi, tudo bem, não sei quê. Dei aquele rolê, mas chateada porque a imprensa mais uma vez me ignorou completamente. Não precisava ficar só em volta de mim, mas me ignorar também não. A fulaninha da porta só faltou me pedir exame de AIDS. Pomba, eu sou lá de furar fila e entrar em festa? Daí encontrei a Íris, fiquei um pouco com ela e voltei pro hotel pra dormir, que era o melhor a fazer. São coisas que irritam, mas você sabe, meu bem, vingança é um prato que se come frio. Nosso grande prazer, da Íris e meu, foi fazer o sucesso que fizemos. A fulaninha da porta, se não assistiu à novela, certamente ouviu falar em nós. Aí aprendeu quem era Carmem Verônica. Essa fulana não vai pedir mais identidade nem exame de AIDS pra mim. Eu espero as coisas acontecerem. Mesmo na era do jato, do homem na Lua, tem coisas que ainda chegam a cavalo, sabia? De burro, a pé, de tênis, mas chegam.

Capítulo XLVI

Amigas para Sempre

Com o sucesso de Mary Montilla e Guida Guevara em *Belíssima*, eu e Íris Bruzzi ficamos com vontade de voltar ao teatro. Queríamos fazer uma peça de Maria Adelaide Amaral, então ligamos pra ela. Como Adelaide não tinha uma peça humorística, adaptou para nós *Amigas para Sempre*, que originalmente era um drama, e foi muito bom. Estreamos no Rio, no Teatro do Leblon, em 2006. Fizemos sucesso, mas, infelizmente, a produção não percebeu que estava com a galinha dos ovos de ouro na mão e não estou falando apenas da parte financeira. O espetáculo era maravilhoso e podia ter sido mais bem explorado. Na hora de viajar com a peça, acabamos fazendo apenas uma capital, que foi Curitiba, e cidades do interior de São Paulo. Uma pena. Muita gente ficou privada de ver um ótimo espetáculo.

203

O que valeu, mais uma vez, foi trabalhar ao lado de Íris. Ela é uma pessoa que vibra quando a colega é aplaudida em cena aberta, e isso aconteceu comigo várias vezes durante a temporada. Não se acha hoje em dia um colega que vibra com o sucesso do parceiro e isso acontecia conosco. Éra-

mos nos duas em cena o tempo todo, havia apenas a participação de um ator, que foi o Roberto Lopes, no Rio, e o Giácomo Pinotti, em Curitiba. Uma noite, fomos jantar num restaurante cheio de gente que havia assistido à peça. Quando entramos, todos se levantaram e bateram palmas. A Íris desabou no choro. E dizia assim para mim: *Queria tanto que o Jacques estivesse aqui para ver isso!* Veja o tamanho da generosidade dessa mulher. Ela ali sendo homenageada pelo público e, ao mesmo tempo, querendo que meu marido dividisse comigo aquela glória. Ficamos abraçadas, foi um momento muito bonito, de muita emoção.

204

Aliás, emoção foi o que não faltou para nós. Aconteceu de tudo durante a temporada. No Rio, uns pretensos defensores dos direitos dos animais fizeram um protesto no meio do espetáculo, tudo por causa de uma reportagem onde Íris falava em casaco de visom. Eu amo os animais, acho uma barbaridade a matança dos bebês focas, mas aquilo que esses manifestantes fizeram foi ridículo, uma afronta ao trabalho de uma artista. Numa matinê repleta de senhorinhas, a Íris estava no meio de um monólogo quando uma moça se levantou na plateia e começou a chamá-la de assassina e não sei quê, como se Íris tivesse matado visons pra costurar um casaco. Em seguida,

um idiota sobe ao palco e passa despejando uma tinta vermelha como se fosse sangue e sai. Tive ímpetos de, literalmente, chutar o balde daquela porcaria de tinta, mas fiquei paralisada quando olhei pra Íris e vi como ela estava branca, a ponto de desmaiar. Fiquei com medo de que ela tivesse alguma coisa. Chamamos o segurança, paramos o espetáculo e a Íris pediu desculpas ao público, explicou a razão daquela interrupção cretina e foi aplaudida. Aí, falamos assim: *Onde foi que paramos?* E seguimos com a peça. O que eles queriam era aparecer. Essa gente não sabe nem levar uma bandeira.

Com nosso sucesso em *Belíssima*, passamos a ser convidadas para tudo o que é negócio e foi o que aconteceu no carnaval daquele ano. Não tenho paciência pra ver cinco mil escolas de samba, é tudo a mesma coisa, aquela música que não acaba nunca, acho mais engraçado ver um pouquinho e tudo bem. Então eu e Íris fomos convidadas por nosso amigo Andrezinho para assistir ao desfile das campeãs no camarote de uma cerveja e aí achei legal porque é uma coisa mais curta. Fomos pegar nossas camisas e viemos pra minha casa porque a Íris quis incrementar nossa roupa com uns brilhos, meu cachorro de preto ficou brilhando porque caía tudo em cima dele. E ainda preparamos duas cabeças com ra-

bos de galo, tudo para assistir ao desfile. Mas aí tropecei na minha empregada, não sei direito o que aconteceu, só sei que levei um tombo e bati o joelho, o braço, um horror. Aquilo ficou me doendo, mas não desisti de ir ao desfile e fui mancando mesmo. Não tomo cerveja porque não gosto, fiquei só na água. Senti vontade de ir ao toalete e precisei ser carregada. Quando chego lá, só escuto uma voz dizer; *Cuidado que tem degrau!* Resultado: caí de novo, em cima do mesmo joelho, com a mão dentro de um balde e sabe Deus o que tinha lá dentro. Não fiz xixi, caí na gargalhada e saí gloriosa, com um bombeiro de um lado e um segurança do outro e a Íris chorando atrás de mim. Fui parar no Hospital São José, entrei com a Íris me empurrando na cadeira de rodas e as duas com rabo de galo na cabeça. Algumas pessoas nos reconheceram e ficamos jogando beijinho enquanto esperava para ser atendida. Mas a coitada da Íris perdeu o carnaval dela por minha causa.

No ano seguinte, Andrezinho nos convidou novamente para um camarote VIP. Estamos lá, vendo a Mangueira passar, quando noto que Íris estava branca como papel. Ela foi levada para o atendimento de emergência e descobriram que era pressão alta. Eu estava tomando champanhe e entrei no posto com a taça na mão. Disseram

que não podia beber lá dentro e eu disse: *E eu vou beber onde? Estou acompanhando minha amiga, vou ficar aqui.* Quando foi no carnaval seguinte, o Andrezinho falou que não ia, não. Disse que num ano eu caí, no outro a Íris teve pressão alta e que talvez fosse a vez dele ter um treco. Então não teve mais carnaval em camarote.

Ainda na onda de *Belíssima*, fui convidada a prestar depoimento no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Como o entrevistado tem direito a levar convidados, chamei o Maurício Sherman, o Carlos Manga, o Chico Caruso e o jornalista Renato Sérgio. Foi muito engraçado. contei tudo, desde o começo, e no final disse que jamais poderia pensar que aquela menina que começou fazendo teatrinho no fundo do quintal iria um dia dar depoimento para o Museu da Imagem e do Som. Isso me deixou muito honrada. A gente nunca acha que já fez tudo. Realizados nunca estamos, sempre temos vontade de mais. Isso é vida. É o pulsar da gente. Esse depoimento foi algo que me envaideceu e acrescentou pontos à minha vida artística.



Meu amigo João Paulo Adour e eu saindo do hotel, já colocados para cair no carnaval de Salvador

Capítulo XLVII

Prima, Você é Ótima!

Depois do êxito de *Belíssima*, o diretor Maurício Sherman me chamou para fazer um quadro no programa *Zorra Total*. Ao lado da atriz Iara Jamra, fiz *A Prima Rica* e *a Prima Pobre*, que era a versão feminina do famoso quadro vivido durante décadas pelos atores Paulo Gracindo e Brandão Filho, primeiro na Rádio Nacional, dentro do programa humorístico *Balança Mas Não Cai*, e depois trazido para a televisão. Eu era a prima rica e a Iara a prima pobre. Quem estava escalada para fazer a prima pobre era a Nair Belo, mas ela morreu antes das gravações. A Iara é muito boa, assumiu o papel com muita competência; na verdade, ela era a dona do quadro, pois era quem finalizava, quem dava o desfecho. O Tony Tornado encarnava um mordomo impagável chamado Chichanel. Acabamos popularizando o bordão *Prima, você é ótima!* e a outra respondia *Prima, você que é ótima!*, que sempre fechava o quadro.

209

Antes do *Zorra Total*, trabalhei com Iara numa *sitcom*, em São Paulo, na Record já da era dos bispos. Além de talentosa, ela é uma pessoa fora de série. Ficamos muito amigas. Sabe aquele

negócio de quando a gente gosta da pessoa e aquilo se transforma em uma troca de alegria? Pois é isso entre nós. É uma amizade verdadeira, sem falsidade. Quando bate uma verdade de ambos os lados é assim. Minha participação na *sitcom*, que chamava *Balacobaco*, foi rápida, nem sei se chegamos a contracenar. Meu papel era a de uma avó debiloide, que tinha cabeça de 20 anos, um filho que não trabalhava, uma nora psicóloga e uma neta que não saía da internet. Valeu por conhecer lara.

Capítulo XLVIII

Deu Branco

Branco em teatro, ou onde quer que seja, é uma coisa. A gente está em cena falando o texto, tudo certo e, de repente, para tudo, não lembra mais quem é, onde está, o que está fazendo ali. Já aconteceu com uma porção de gente. É algo que dura segundos, mas para quem está ali parece que são horas. Ficamos com cara de coisa nenhuma, olhando pra todo mundo e se perguntando por que essa gente está olhando pra mim. A Consuelo Leandro teve um branco no meio de um monólogo em que ela fazia uma árvore. Aí ela disse ao público: *Gente, esqueci o texto*. Todo mundo riu. E ela: *Não riam porque é verdade*. Ela estava fazendo uma cena cômica, então tudo bem. Quando aconteceu comigo, nem isso me veio. Foi uma vez para nunca mais. Eu estava fechando um prólogo de um show como estrela, cantando de Branca de Neve e... deu branco. Um horror. Eu pensei que tivesse durado séculos, mas depois voltou e eu continuei. Quem tem um branco se traumatiza. Quando estava fazendo a peça *Amigas para Sempre*, com a Íris, aconteceu um negócio engraçado. Tem palavra que, por mais que você decore, não vem. E às vezes é uma palavra-chave, que não pode

deixar de ser dita. Se você esqueceu ou titubeou uma vez, não dá para achar que não vai acontecer de novo. Para isso é que servem as colas. Nós tínhamos uma mesa no cenário com essas palavras fujonas escritas no papel. Em cena, nós nem olhávamos, mas se o papel não estivesse lá a gente enlouquecia. Na novela *Belíssima*, Íris e eu éramos a dupla Furacões de Cuba, fazíamos a gente mesmo mais velha. Então, ficava bem mais fácil porque improvisávamos e não dava problema. Não que a gente improvise sempre, nem é todo autor que permite que se faça isso. Mas no caso de nossas personagens Mary Montila e Guida Guevara, ajudou bastante.

Capítulo XLIX

De Avó para Neta

Minha filha, Carmen Silvia, não tem nada a ver com o mundo artístico. É fisioterapeuta, muito competente, aliás. Já minha neta, Giulia, quando era pequena, parecia que ia seguir o caminho da avó. Ela chegava em festinhas de criança com um microfone e contava histórias de terror. A criançada se encolhia de medo... Mas tudo ficava ao redor dela. Um dia, ela estava aqui cantando e me disse: *Vó, fiz essa música agora!* Eu ouvi e disse que era muito bonita. Era uma merda, não sabia nem que aquilo era música, mas tudo bem, falei que era linda. E ela: *Será que vai fazer sucesso? Pode?* E teve outra coisa engraçada que aconteceu. É muito comum as pessoas me pararem na rua, falarem que gostam de mim, que me viram na novela e tal. Um dia, Giulia virou-se para mim e disse: *Vó, eu também sou célebre!* Quando quis saber por que, ela respondeu: *Você é minha avó, eu sou sua neta, então, se você é célebre, eu também sou!*

Capítulo L

Primeira-Dama do Humor

Dercy Gonçalves foi precursora de uma série de coisas. Abriu espaço para nós, atores comediantes. Começou como vedete e se descobriu comediante no dia em que disse merda e todo mundo riu. Daí passou a fazer tudo que pudesse provocar o riso. Ela cuspiu assim no palco, pfff... A gente tem de tirar o chapéu porque com Dercy começou uma nova geração. No meu trabalho, nunca teve palavrão. Em *As Tias*, a peça do Mauro Rasi, havia dois palavrões. Um era a Berta Loran que dizia e outro era eu, quando os ETs iam embora e me deixavam a ver navios, porque demorei demais escolhendo roupa para viajar – afinal, era uma viagem interplanetária! Mas em todas as outras coisas que fiz não tinha palavrão. Não acho que precisa ser pornográfico para ser engraçado. Mas tem aquela coisa do palavrão no momento certo, no *timing* certo e nisso Dercy era insuperável. Ela era única. Criou um estilo. Sempre foi muito engraçada e até antes de morrer a gente se encontrava em festas. Eu e Íris Bruzzi nos sentávamos com ela e morríamos de rir. Mesmo com a idade que tinha, lembrava das coisas com detalhes. Fabulosa. Eu me lembro dela em uma despedida do Chico Anísio, que ia

para os Estados Unidos, no restaurante Florentino, no Leblon. Estavam lá Lúcio Mauro, Carlos Manga, Boninho e um monte de gente. E Dercy lá, na maior, participava de todas as conversas. Eu, como comediante, tenho muito respeito por ela. Em junho de 2010, participei, ao lado de Íris Bruzzi, do projeto *Mitos do Teatro Brasileiro*, no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília, que homenageou Dercy. Gostei muito do convite. Demos nosso depoimento sobre ela e fiquei muito feliz. Num país de memória curta, Dercy merece todas as homenagens.

Capítulo LI

Pode me Chamar de Você

Quando alguém me pergunta se estou envelhecendo bem, já me esculhambou, pomba! Já me chamou de caco. Eu estou *vivendo* bem... São coisas bem diferentes. Tive fases na minha vida, passei por todas e aproveitei todas. Quando as pessoas me chamam de dona Carmem, eu digo: *Você não vai me faltar ao respeito se me chamar de Carminha*. Mas sei que tenho 77 anos e não 15, não bato sorvete na testa, não saio por aí de minissaia, nem de biquíni, nem com bunda de fora, não sou ridícula. Minha cabeça é arejada, não aérea. Procuro me atualizar, não quero dizer com isso que aceito tudo o que botam por aí, tudo o que dizem ser moderninho. Mas também não vivo do passado. Quando digo *meu tempo* é para situar certas coisas, porque elas correm. Depois da roda, tudo rolou muito rápido. Eu me lembro de quando as pessoas botavam telefone no testamento, porque era um bem valioso, era uma dificuldade para ter, era privilégio de quem tinha conhecimento com a Casa Branca ou com sei lá o quê. Hoje minhas empregadas têm três celulares cada uma. Quando eu digo no meu tempo era assim é para fazer a comparação da Copacabana atual com a de quando eu era ga-

rota e morava no Posto 6. O Leblon era quase um areal, a Barra não existia, era uma casa aqui, outra ali, outra acolá... Eu sei porque eu vinha do Posto 6 para trabalhar no Monte Carlo, que ficava na Gávea. Às vezes, pegava um táxi e vinha pela praia, que era uma mão só. Um dia, deu uma ressaca e quem estava no ônibus ficou todo molhado. Não havia o Aterro. Quando falo nessas coisas, parece que foi há um século, mas é tudo tão rápido. É como eu disse, depois da roda ninguém segurou mais nada. A gente se adapta às coisas. Eu me sinto bem assim. Agora estou melhor que nunca. Depois que o chofer que não era meu fã me atropelou, voltei a andar. Virei bípede novamente. Vou me queixar de quê? Tenho que dar é graças a Deus.

Capítulo LII

O Mundo Gira...

Sempre fui alegre e brincalhona. Todas as fases da minha vida eu aproveitei *MUUUITO* bem. Acho que sou uma pessoa bem-resolvida. Porque quem não aproveita as fases da sua vida está mal. Aproveitei minha infância. Quando comecei a trabalhar em boate, uma parte da minha família achou um horror. Porque esse trabalho era qualificado como de puta mesmo... Um monte de gente começou a me olhar meio assim. Hoje é importantíssimo ser parente da Carmen Verônica. Fui pro hospital e a internet dava boletins todos os dias. É aquela coisa: o mundo gira e a Lusitana roda, meu amor. Mas sou uma pessoa sempre muito pra cima, graças a Deus. Sei digerir coisas, tenho um estômago de ema para digerir determinadas coisas. Mas sou geminiana e quando bate o outro gêmeo, meu amor... A boca fica fechada, não entra nada para digerir, só abre para dizer o que tem de ser dito, entendeu? Mas não tenho inimizade com ninguém. Gosto das pessoas e gosto que as pessoas gostem de mim. É muito importante a gente saber que é querida. Então a primeira coisa que eu fiz depois de ficar mais de um mês na cama foi ir de qualquer jeito pra rua porque

aquele calor humano das pessoas estava fazendo falta para mim. Quando estou meio assim, vou pra rua. Aí, minha moral vai lá em cima.

Capítulo LIII

Quer um Conselho?

Essa história de conselho para quem está começando (sempre me perguntam!), geralmente respondo o que querem ouvir, é mais fácil. Na verdade, o importante é acreditar em si mesmo, no próprio talento. Claro que é necessário antes de tudo, *TER* talento, não é? Sorte é muito importante também. Estar no lugar certo e na hora certa. Mas importante mesmo para crescer, seja em que profissão for, é acreditar no seu potencial e ir atrás. Mas quando alcançar os primeiros sucessos, nunca pensar que é o rei da cocada preta. Essa é uma profissão cheia de arapucas. Vai que alguém não goste de sua cara e saia espalhando que você é mau-caráter ou pé-frio. Pronto. Acabou. Tem de galgar aos poucos e fazer de tudo para chegar ao topo, com obstinação, mas sem desonestidade. Quem viu o musical *Chorus Line* sabe disso. Tem o pessoal do coro, que aqui no Brasil chamam *girls*. Quem está lá atrás tem de se esforçar pra chegar à linha de frente. Tem de ralar muito, tem que aprender. Minha vida foi isso. Ficava horas sempre olhando pra aprender. Todo domingo, eu ia a TV Rio assistir ao ensaio do pessoal que fazia comédia. Eram atores como Fernanda Montenegro, Fernando

Torres, Ítalo Rossi... Eu ficava lá observando a atuação deles, até que um dia o Ítalo me convidou e eu fiz um papel muito interessante numa peça inglesa, que aqui ganhou o nome de *A Deus ou ao Diabo*. Meu personagem desencaminhava um seminarista, interpretado por Aldo de Maio. No final da peça, o personagem do Aldo se vingava me sufocando com um travesseiro. Acontece que o programa era ao vivo e como Aldo precisava esperar passar todos os créditos com o travesseiro na minha cara, quase que morro sufocada de verdade! Mas, voltando ao que eu dizia: Quer conselho para conquistar seu pedaço? Preste atenção em tudo, esteja sempre aberto para aprender. Regue sua plantinha com amor, simpatia, simplicidade e verdade. Ela vai dar flores de volta.

Capítulo LIV

Elogio Enfático

O maior e mais veemente elogio que eu ganhei em toda a minha vida de atriz foi no dia do meu aniversário. Eu saí para fazer compras e passei em frente a um botequim muito antigo aqui do Leblon, acho até que é o único do bairro, muito frequentado pela velha-guarda. Botaram um telão lá porque era Copa do Mundo, a Argentina ia jogar, então a calçada estava cheia de gente para ver o jogo e torcer contra os argentinos. Parei ali, bati papo com todo mundo e aí veio um rapaz que devia trabalhar em alguma obra por perto. Estava todo arrumadinho, de banho tomado. Pediu licença e disse: *Gosto muito da senhora, a senhora é uma atriz muito engraçada, é uma grande atriz, é uma atriz maravilhosa, a senhora é uma atriz boa para caralho!* Fiz o possível para não rir. Afinal, não é sempre que a gente ganha um elogio desses no dia do aniversário. Ainda mais um elogio tão sincero feito com tanta veemência em alto e bom som. Fiquei na maior alegria. Saí como se tivesse ganhado o Oscar de melhor comediante do mundo. Foi a glória.

Julho						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Agosto						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				



CARMEM VERÔNICA,
em foto de Valentim

A garota do calendário de Fotos & Fatos, mas o clique foi de Valentim

Capítulo LV

Nas Mãos de Deus

Esse negócio de me perguntar: você tem planos? Não, eu não faço planos. Deus é quem faz meus planos. Se eu tiver alguma coisa boa para fazer, farei. Coisa ruim, isso não faço mesmo. Só espero continuar trabalhando. Mas não quero dar uma de Molière de morrer no palco. Assim também não. Sei lá se caio numa pose ruim, não é?

Cronologia

Televisão

Telenovelas

2009

- ***Caras e Bocas*** – TV Globo

Autor: Walcyr Carrasco. Direção geral: Jorge Fernando. Com Flávia Alessandra, Henri Castelli, Ingrid Guimarães, Malvino Salvador, Cristina Mutarelli, Bete Mendes, Marcos Breda.

2005

- ***Belíssima*** – TV Globo

Autor: Sílvio de Abreu. Direção: Denise Saraceni. Com Fernanda Montenegro, Glória Pires, Tony Ramos, Lima Duarte, Cláudia Raia, Irene Ravache, Reynaldo Gianecchini, Cláudia Abreu.

1992

- ***Deus nos Acuda*** – TV Globo

Autor: Sílvio de Abreu. Colaboradores: Alcides Nogueira e Maria Adelaide Amaral. Direção: Jorge Fernando. Com Glória Menezes, Francisco Cuoco, Cláudia Raia, Marisa Orth, Dercy Gonçalves, Ary Fontoura, Cláudio Corrêa e Castro, Emiliano Queiroz, Aracy Balabanian, Marieta Severo, Adelaide Chiozzo.

Participações em telenovelas

2007

- ***Paraíso Tropical*** – TV Globo

Autores: Gilberto Braga e Ricardo Linhares.
Direção geral: Dennis Carvalho e José Luiz Villamarim. Com Alessandra Negrini, Fábio Assunção, Glória Pires, Tony Ramos, Wagner Moura, Camila Pitanga.

1997

- ***Por Amor*** – TV Globo

Autor: Manoel Carlos. Direção: Roberto Naar e Ricardo Waddington. Com Regina Duarte, Antônio Fagundes, Fábio Assunção, Suzana Vieira.

228

Telenovelas humorísticas

1965

- ***Quem bate?*** – TV Record

Roteiro: Marcos César. Direção: Nilton Travesso. Com Otelo Zeloni, Renato Côrte Real, Rony Rios, Durval de Souza, Carlos Alberto de Nóbrega

- ***Ceará contra 007*** – TV Record

Roteiro: Marcos César. Direção: Nilton Travesso. Com Ronald Golias, Jô Soares, Consuelo Leandro, Simpício, Adoniran Barbosa, Ary Toledo, Cidinha Campos, Renato Côrte Real.

Programas

2003

- ***Zorra Total*** – TV Globo

Quadro *Prima Pobre e Prima Rica* – Direção: Maurício Sherman. Com Iara Janra e Tony Tornado.

Participações

2008

- ***Toma lá, dá cá*** – TV Globo

Roteiro Final: Miguel Falabella. Direção: Cininha de Paula. Com Miguel Falabella, Marisa Orth, Adriana Esteves, Arlete Salles, Miguel Magno, Diogo Vilela, Alessandra Maestrini.

229

Sem data definida

- ***Planeta dos Homens (1976-1982)*** – TV Globo

Textos de: Jô Soares, Max Nunes, Haroldo Barbosa, Luís Fernando Veríssimo e outros. Direção: Paulo Araújo. Com Costinha, Agildo Ribeiro, Sônia Mamede, Luís Delfino, Berta Loran e outros.

Sem data definida

- ***Viva o Gordo! (1981-1987)*** – TV Globo

Texto: Max Nunes. Com Jô Soares, Paulo Silvino, Tião Macalé, Eliezer Motta e outros.

- Década de 1960 – TV Record

Família Trapo

Essa Noite se Improvisa

É Proibido Colocar Cartazes – TV Record

Show do Dia 7

Chocolate e Seus Bombons

Praça da Alegria

Dia D

Hebe

E outros

- Década de 1960 – TV Rio

Noites Cariocas

Noite de Gala

O Riso é o Limite

Teatro Psicodélico

Meio Século de Espetáculo

E outros.

Teatro

2006

- *Amigas para Sempre* – Teatro do Leblon, Rio de Janeiro

Autora: Maria Adelaide Amaral. Direção: Rogério Fabiano. Com Íris Bruzzi. Ator convidado: Roberto Lopes.

1996

- ***As Tias*** – Teatro Fernanda Montenegro, Rio de Janeiro

Autor: Mauro Rasi. Direção: Mauro Rasi. Com Dirce Migliaccio, Berta Loran, Yolanda Cardoso e Murilo Benício.

1960

- ***Sexy*** – Teatro Mesbla, Rio de Janeiro

Autor: Vicente Catalano. Direção: Sérgio Cardoso. Produção: Companhia Nydia Lícia-Sérgio Cardoso. Com Sérgio Cardoso e Guilherme Correa.

1958

- ***Olho Mecânico*** – Rio de Janeiro

Autor: A. C. Carvalho. Produção: Companhia Tônia-Celi-Autran. Direção: Benedito Corsi. Com Paulo Autran, Margarida Rey, Alan Lima, Aury Cahet.

231

1955

- ***Sua Excelência em 26 Poses*** – Teatro de Bolso, Rio de Janeiro

Autor: Silveira Sampaio. Direção: Silveira Sampaio. Com Rosamaria Murtinho, Silveira Sampaio.

1954

- ***No Tempo do Amadorismo*** – Teatro de Bolso, Rio de Janeiro

Autor: Silveira Sampaio. Produção: Companhia Silveira Sampaio. Com Silveira Sampaio, Maria Sampaio, Ariston e Magalhães Graça.

Teatro de Revista – Carlos Machado – Sem datas definidas

A Filha da Tirolesa

Como era diferente o amor em Portugal

Paris c'est comme ça

Cherchez La Femme

Um Americano em Recife

E outros.

Cinema

1967

• ***A Espiã que Entrou em Fria***

Diretor: Sanin Cherques. Argumento: Wilson Vaz. Com Agildo Ribeiro, Jorge Loredó, Ary Leite, Dedé Santana, José Santa Cruz, Zélia Martins.

1960

• ***Amor para três***

Diretor: Carlos Hugo Christensen. Roteiro: Carlos Hugo Christensen. Argumento: César Tiempo. Com Susana Freire, Fábio Cardoso, Agildo Ribeiro, Oduvaldo Viana Filho, Jayme Costa, Maria Pompeu.

1959

• ***Aí vem a Alegria***

Diretor: Cajado Filho. Roteiro e argumento: Cajado Filho. Direção de fotografia: Ozen Sermet. Com Sônia Mamede, Pituca, Sérgio Roberto, Jackson do Pandeiro, Almira Castilho, Evelyn Rios, Renato Restier, Maria Petar.



Em Salvador, BA, como madrinha de Fernando Pessoa, que defendeu tese sobre Carmem. À direita, a madrinha de casamento de Carmem, Márcia Carrilho

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – Cláudio Fragata	13
Raio-X Relâmpago	21
Globalizada	25
A Diva do Quintal	27
Carta-Branca	29
Começando do Começo	31
Vivendo e Aprendendo	33
Rainha da Frescura	37
Nasce uma Estrela	41
Identidades Falsas	49
Boca de Pato Donald	51
Do Musical para a Comédia	55
Heroína Psicodélica	61
Saludo Carioca	69
Meu Marido Jacques	73
Endoidando Tio Sam	83
Com a Macaca em Los Angeles	89
Misse Stella Solaris	93
Chega de Saudade	99

Jangada da Paz	103
Amigos de Luxo	107
Além do Arco-Íris	109
Minha Fé	113
No Caminho de São Jorge	117
Inveja é Uma M...	119
O Taxista Não Era Meu Fã	121
No Palco da Vida	129
Ficar ou Galinhagem?	135
As Certinhas do Lalau	139
Unhas Feitas	143
Olhos do Mal	147
Era de Ouro da TV Record	149
Homenagem Póstuma	155
Pau Pra Toda Obra	157
Te contei, Não?	165
A Garça Grávida	167
Segredos de Coxia	171
A Espiã que Entrou em Fria	177
Espelhos Meus	181
O Belo Marcello	183
Um Dia no Divã	185
Meus Cadelos	187

Quase Musa	193
Caros Amigos	195
Rentrée na TV	197
Sempre Belíssima	201
Amigas para Sempre	203
Prima, Você é Ótima!	209
Deu Branco	211
De Avó para Neta	213
Primeira-Dama do Humor	215
Pode me Chamar de Você	217
O Mundo Gira...	219
Quer um Conselho?	221
Elogio Enfático	223
Nas Mãos de Deus	225
Cronologia	227

Crédito das Fotografias

Valentim 12, 46, 48, 88, 127, 132, 137

Demais fotografias pertencem ao acervo de Carmem Verônica

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muiyaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas

Adélia Nicolette

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos***

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredó – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro
e Eu Não Sei Ler***

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Fragata, Cláudio

Carmem Verônica: O Riso com Glamour / Cláudio
Fragata – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São
Paulo, 2010.

260p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador
geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-893-2

1. Atores e atrizes de televisão; 2. Carmem Verônica,
1933. I. Ewald Filho, Rubens; II. Título; III. Série.

CDD 791.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores e atrizes brasileiros: Biografia: Representações
públicas: Artes 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Editoração	Sandra Regina Brazão Ana Lúcia Charnyai
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 260

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Carmem Verônica não gosta de ser chamada de vedete. Mas foi como vedete estonteante de Carlos Machado, o rei da noite carioca dos anos 1950, que ela deu início à sua vitoriosa carreira. Em parte, Carmem tem razão. Ela foi muito mais do que um corpo escultural. Sempre teve talento de sobra, muito glamour e um timing inacreditável para o humor. A combinação dessas três coisas consagrou-a na TV dos anos 1960, quando interpretava madames hi-lá-ri-as nos famosos humorísticos da época, sempre de piteira na mão e luvas à la Rita Rayworth.



Durante mais de uma década, Carmem foi uma das Certinhas do Lalau, a lista de mulheres deslumbrantes escolhidas a dedo por Stanislaw Ponte Preta, codinome do escritor e jornalista Sérgio Porto, e publicada no jornal *Última Hora*. Como atriz, também fez teatro "sério", ao lado de atores da altura de Sérgio Cardoso e Tarcísio Meira, atuando em peças de Silveira Sampaio, Mauro Rasi e Maria Adelaide Amaral. Nos últimos anos, voltou ao vídeo em telenovelas como *Belíssima*, de Sílvio de Abreu, na qual viveu a ex-vedete Mary Montilla, personagem de enorme repercussão popular.



Neste livro-depoimento do escritor e jornalista Cláudio Fragata (também autor da biografia de Jorge Loredó, o Zé Bonitinho, para esta coleção), Carmem relembra os principais momentos de sua vida e carreira sem nunca perder o alto astral. Ninguém melhor do que ela mesma para se definir: *Passei por alegrias e tristezas como todo mundo, mas soube encarar tudo de cabeça erguida.*



Afinal, se passasse pela vida em branco, não teria o que contar agora. Sou uma pessoa pra cima, não me venha com nuvenzinha preta porque sou uma mulher de fé e de garra. Se não fosse isso, não estaria aqui contando coisas. Nem fazendo sucesso, como eu fiz, aos 72 anos, na pele da Mary Montilla. Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, que tem como proposta a preservação e o resgate da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-893-2



9 788570 608932